



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

JOSÉ DUÍLIO ALMEIDA RODRIGUES FILHO

**FUTEBOL BRASILIENSE NA MÍDIA:
ANÁLISE DE REPORTAGENS PUBLICADAS SOBRE MARCOS DO
ESPORTE NO DISTRITO FEDERAL**

Brasília
2014

JOSÉ DUÍLIO ALMEIDA RODRIGUES FILHO

**FUTEBOL BRASILIENSE NA MÍDIA:
ANÁLISE DE REPORTAGENS PUBLICADAS SOBRE MARCOS DO
ESPORTE NO DISTRITO FEDERAL**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu* em
Jornalismo Esportivo
Orientador: Prof. Dr. LUIZ CLAUDIO
FERREIRA

Brasília
2014

JOSÉ DUÍLIO ALMEIDA RODRIGUES FILHO

**FUTEBOL BRASILIENSE NA MÍDIA:
ANÁLISE DE REPORTAGENS PUBLICADAS SOBRE MARCOS DO
ESPORTE NO DISTRITO FEDERAL**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu* em
Jornalismo Esportivo
Orientador: Prof. Dr. LUIZ CLAUDIO
FERREIRA

Brasília, ____ de _____ de 2012.

Banca Examinadora

Prof. Luiz Claudio Ferreira
Orientador

Prof.
Examinador

Prof.
Examinador

A minha mãe, Vicky Tavares, pela oportunidade de realizar um sonho. Ao meu pai, o jornalista José Duílio Almeida Rodrigues (in memoriam), pela inspiração. A minha esposa, Michele Pisco, e aos meus filhos, João Matheus, Thiago e Vickynha pela paciência e amor.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador Luiz Cláudio Ferreira, aos meus professores, e aos companheiros do curso por terem me ajudado na elaboração deste trabalho.

“A responsabilidade dos jornalistas na relação com o esporte é de extrema importância, pois como formadores de opinião, têm a obrigação e o dever de incentivar a prática esportiva, em qualquer âmbito social”.

João Saldanha

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo relatar os fatos e acontecimentos de um período áureo para o futebol de Brasília. Os objetos escolhidos foram as matérias do Jornal Correio Braziliense, sobre as finais do Campeonato Brasiliense, de 2013, entre Brasília E.C x Brasiliense F.C e da Copa do Brasil de 2002, entre Brasiliense F.C x Sport Club Corinthians Paulista. Além do registro histórico, a proposta vai um pouco além das quatro linhas. A ideia inicial é que Brasília possua mais referências bibliográficas sobre o futebol profissional da cidade e através dessa proposta de livro-reportagem, também analisaremos de que maneira e de que forma são tratadas as matérias do Caderno de Esportes do jornal *Correio Braziliense* e como contribuem ou desvalorizam o futebol local. O estudo foi realizado em uma fase: de 01/01/2014 a 31/01/2014 e foi utilizado como procedência metodológica, a técnica de análise de conteúdo. O corpus verificado é constituído por 19 matérias. Também busca identificar a falta de critério de noticiabilidade. Do ponto de vista teórico, o trabalho suscita temas como: a influência do *gatekeeping* na notícia e do *newsmaking*. Das 19 matérias produzidas pelo Caderno de Esportes do *Correio Braziliense*, no período analisado, todas foram categorizadas, o que permitiu observar que nenhuma matéria teve uma alcunha positiva, no que se refere ao futebol do Distrito Federal. Ou seja, no período pesquisado, repito 100% das matérias, reportagens e *lides* do Caderno de Esportes do *Correio Braziliense* foram enviados pela falta ou a má divulgação do principal esporte da cidade. Uma das metas deste trabalho foi de contribuir para que o estudo do jornalismo esportivo local, pouco realizado no Brasil, avance não só no Distrito Federal, mas que alcance o Brasil como um todo, afinal, Brasília é a capital do futebol.

Palavras-chave: Jornalismo. Critério. Noticiabilidade. Newsmaking. Descrédito.

ABSTRACT

The main purpose of this paper is to report the facts and happenings of the golden times of soccer in Brasilia. The objects selected were the articles published in *Correio Braziliense* about the final matches of Brasilia's Soccer Tournament (*Campeonato Brasiliense*) in 2013, between Brasília E.C x Brasiliense F.C and of the 2002 Cup of Brazil, between Brasiliense F.C x Sport Club Corinthians Paulista. Additionally to the historical register, the purpose goes beyond the four lines. In principle, this paper intends to provide Brasilia with more bibliographic references on the professional soccer played in the city. Through the book-news proposed herein we should also analyze how the *Cadernos de Esportes* of the *Correio Braziliense* newspaper approaches this topic, and how these contribute or devalue the local soccer. It was a 1-phase study performed from Jan/01/2014 to Jan/31/2014, employing the methodology of content analysis. The corpus analyzed is made up by 19 articles. The analysis also tries to identify the lack of noticeability criterion. In the theoretical light, the work brings about topics such as the gatekeeping's and newsmaking's influence on the news. All the 19 articles produced by the *Caderno de Esportes* of the *Correio Braziliense* during the period of analysis, were categorized and enabled us to observe that no news had positive tone regarding soccer in the Federal District. In other words, during the period analyzed 100% of the articles, news and *lides* published in the *Caderno de Esportes* of the *Correio Braziliense* were biased by the lack or poor dissemination of the main sport in Brasilia. One of the goals of this paper is to contribute to make the local study of sports journalism, which is not so popular in Brazil, advance not only in the Federal District, but also in Brazil at large. After all, Brasilia is the capital of soccer.

Key words: Journalism. Criterion. Noticeability. Newsmaking. Discredit.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O QUE É JORNALISMO ESPORTIVO?	10
1.1 História	10
1.2 Mercado	16
1.3 Especialização	18
1.4 Repórter Esportivo	20
2 NEWSMAKING	22
2.1 Conceito	22
2.2 Estudos	22
2.3 Gatekeeper	23
2.4 Resultado	25
3 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE	27
4 DIMENSÕES SOCIAIS DO ESPORTE	30
4.1 Esporte Performance ou de Alto Rendimento	32
4.2 Esporte Lazer	34
4.3 Esporte Educação	34
4.4 Esporte Participação	36
5 O FUTEBOL NO CERRADO	39
6 JORNALISMO ESPORTIVO EM BRASÍLIA	44
7 FUTEBOL E INDÚSTRIA CULTURAL	47
8 ANÁLISE DE CONTEÚDO	51
8.1 Objetivo	51
8.2 Organização da Análise	51
9.3 A Categorização	52
8.3.1 Princípios	52
8.4 A Análise Categorial	54
8.4.1 Notícia de Descrédito	55
8.4.2 Notícia de Desfoque	55
8.4.3 Notícia Secundária	55
9 O CADERNO DE ESPORTES DO CORREIO BRAZILIENSE: ANÁLISES E RESULTADOS	57
CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS	70
ANEXO A – MATÉRIAS PUBLICADAS NO CORREIO BRAZILIENSE	73

INTRODUÇÃO

Estudante do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Jornalismo Esportivo do UniCEUB farei, então, com a condescendência dos leitores, relatos em primeira pessoa, acerca de acontecimentos históricos do futebol de Brasília e de algumas dúvidas que surgiram ao longo dessa especialização, em que tive a oportunidade de participar de diversas palestras, aulas, discussões e trabalhos com profissionais renomados e do mais alto gabarito.

E são essas dúvidas e certezas que, de certa forma, contribuíram para a escolha do tema da minha monografia voltada à área em que escolhi para dar prosseguimento a carreira de jornalista esportivo e mais especificamente de comentarista.

Não é de hoje, que os times da cidade são tratados em segundo plano pela editoria de esportes do tradicional jornal, que pertence aos Diários dos Associados.

Num primeiro momento, tive a experiência de demonstrar no meu trabalho de monografia, concluído no ano de 2008, com o título “Ela é Carioca”, a falta de critério de noticiabilidade da editoria do Caderno de Esportes do *Correio Braziliense*.

Os destaques dos noticiários do Caderno de Esportes do referido periódico enfatizavam o desempenho de clubes de outros estados como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. O estudo foi feito de 1 a 31 de maio de 2008, analisando 31 capas. Foram 22 reportagens de matérias destinadas para outras regiões, o que equivale a 67%, e apenas nove matérias, ou seja, 23% para o esporte local. Por meio deste trabalho realizado através de pesquisas, o objetivo é demonstrar por que isso ocorre. Parto da premissa que, o futebol local continua sendo desvalorizado e cede lugar a outras referências nacionais. No texto, “Todos têm culpa na queda dos estaduais”, na coluna do jornalista esportivo, Roberto Assaf, do jornal impresso Lance! de 18/03/14, ele enumera quatro razões pela decadência dos campeonatos estaduais e afirma que “ a terceira razão do fracasso é o comportamento da mídia em geral, que faz um esforço extraordinário para desvalorizar ao máximo as competições, inclusive influenciando o torcedor a não prestigiá-las”.

Foi de Brasília que saíram jogadores como Edmar, KaKá, Lúcio e Amoroso, todos com passagem pela Seleção Brasileira. Como método, é realizado neste trabalho, uma análise do principal objeto de estudo: as reportagens dos Cadernos de Esportes, de antes, durante e após as partidas finais do Campeonato Candango de 2013, entre Brasília E.C x Brasiliense F.C e da Copa do Brasil de 2002, entre Brasiliense F.C x Sport Club Corinthians Paulista.

Além disso, é necessário mostrar o tipo de influência em que os editores e repórteres utilizam para não destacar as equipes locais nas reportagens e colocá-las em primeiro plano como forma de tratamento da notícia.

A reboque dessa discussão, outro objetivo desse trabalho é também identificar por que o futebol não tem espaço no jornal como forma de inclusão social.

Por que não temos referências bibliográficas a respeito do futebol de Brasília? De que maneira o Correio Braziliense contribui ou não para evidenciar as equipes locais? Quais critérios utilizados pela editoria de esportes para definir as principais notícias esportivas? Essa é a retórica que o jornal usa para influenciar os leitores e formação de público? O editorial é um discurso em forma argumentativa, que apresenta uma opinião específica sob um ponto de vista. De quem é o ponto de vista? Do editor ou do leitor? Para Mauro Beting, cronista esportivo, “Jornalista futebolístico deveria vestir a camisa da sua profissão, e não apenas a camisa do patrão” (2005 p13).

“O corpus de análise constitui-se das seguintes reportagens: “Negócios à parte” (12/5/02), “Bloco dos sem-títulos” (12/5/02), “Opção ofensiva” (13/5/02), “Promessa de casa cheia” (14/5/02), “Sonho de glória” (15/5/02), “Políticos em campo” (15/5/02), “Sucesso amarelo” (15/5/02), “Com a mão na taça quebrada” (15/5/02), “Faltou pouco” (16/5/02), “Artigos raros” (17/5/13), “Agora só falta a bola rolar” (18/5/13), “Solenidade restrita” (18/5/13), “O que vale para a decisão” (19/5/13), “Ela, Romário e contra-ataque” (19/5/13), “Críticas: Fila e trânsito” (19/5/13), “A confiança do torcedor” (19/5/13), “Primeiros dramas do novo palco” (19/5/13), “A emoção do primeiro gol” (19/5/13), “Só elogios no discurso” (19/5/13)

Este trabalho é dividido em capítulos e subcapítulos e consiste em sua estruturação, conceitos sobre o que é o jornalismo esportivo, newsmaking e critérios de noticiabilidade, além da contextualização de temas pertinentes ao assunto.

1 O QUE É JORNALISMO ESPORTIVO?

De acordo com Barbeiro (2006, p.14), jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social.

Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque a sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público. Dito isso, ressaltamos que trabalhar com jornalismo esportivo tem suas especificidades.

Para Sérgio Vilas Boas (2005, p.8), O esporte deveria ser uma especialidade jornalística.

Mas, me parece impossível um jornalista dominar todos os meandros de todas as modalidades esportivas. Concordemos ou não, o fato é que ser jornalista esportivo, hoje, no frigor dos ovos, significa cobrir um ou alguns esportes.

1.1 História

De acordo com autores consultados, como Paulo Vinícius Coelho (2004) e André Ribeiro (2007), nem mesmo o escritor Graciliano Ramos adivinhou que o futebol seria o esporte das multidões.

O remo era o esporte preferido dos tupiniquins. Conforme se relata, nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes.

Com a chegada do inglês Charles Miller, no início do século XX, naquela época, num período que se estende de 1894 até meados de 1955, muito se passou.

Desde a fundação dos primeiros clubes organizados passando por uma série de transformações, como a participação e influência de um jornalista esportivo nos principais jornais esportivos de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Em São Paulo, na década de 1910, havia páginas de divulgação esportiva no jornal Fanfulla, que atingia um público cada vez mais numeroso na cidade na época: os italianos.

A publicação trazia relatos de página inteira num tempo em que esse esporte, ainda não cativava milhões de adeptos.

Segundo André Ribeiro (2007), em 1925, o futebol já era o esporte nacional. A paixão desenfreada dos torcedores garantia a venda dos principais jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, tanto é verdade, que quase todos mantinham seção esportiva diária.

Notícias, como por exemplo, novas regras impostas pela Federação Metropolitana - hoje, federação paulista de futebol.

Os jogadores devem ser amadores, sócios do clube inscrito na Liga, devem residir na jurisdição da Liga, ter profissão honesta, estar no gozo de seus direitos civis e políticos, saber ler e escrever e ter moralidade comprovada, por exemplo, fazem lembrar do pioneirismo do jornalismo esportivo, em especialmente, das dificuldades que era de convencer os principais editores dos principais jornais da época, a divulgar notícias sobre o futebol. Tudo havia mudado, mas a popularização do futebol dentro e fora dos gramados também tinha feito surgir nas redações, uma verdadeira corrida pela informação. Na ânsia de defender seus direitos, os principais clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo nomearam diretores e sócios como “porta-vozes”(RIBEIRO,2007, p.48).

Conforme Paulo Vinicius Coelho (2004), na prática, eles viriam a ser os “setoristas”. Os jornais, no entanto, dedicavam aos esportes o espaço que lhes era possível.

Evidentemente que não havia naquele tempo a cultura dos grandes jornais do século 21, com cadernos inteiros dedicados aos esportes. Em 1927, o próprio presidente da República, Washington Luiz, comparecera ao estádio de São Januário, estádio do C.R Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, para a cerimônia de inauguração. O estádio das Laranjeiras, que pertence ao Fluminense F.C, fora construído para a organização do Campeonato Sul-Americano. O futebol já estava consolidado. Contudo, os espaços dedicados aos jornais eram mínimos. O *Correio Paulistano*, por exemplo, deixava apenas uma coluna para as matérias sobre futebol. E duas colunas para o turfe. A febre do remo estava superada passando para o futebol, apesar de a maioria dos clubes futebolísticos tradicionais do Rio de Janeiro nasceu das regatas: Clube de Regatas Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama e Botafogo de Futebol e Regatas. Os jornais, no entanto, dedicavam aos esportes o espaço que lhe era possível. Evidentemente não havia na época a cultura dos grandes jornais de hoje, com cadernos inteiros dedicados aos esportes. Havia pequenas colunas, mais por questão de espaço do que por falta de interesse. Nos anos 30, o *Jornal dos Sports* nasceu no Rio de Janeiro.

A rigor, foi o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no Brasil. Aliás, periódico que acompanhou a primeira grande crise do futebol brasileiro, com a instauração do profissionalismo gerando uma cisão tanto no futebol do Rio quanto no de São Paulo. Os jornais cariocas acompanharam tudo como puderam. Com pouco espaço e dando mais enfoque ao que acontecia dentro de campo do que à briga política entre todos os times. Isso até a pacificação, em 1937. Para abrir o primeiro campeonato depois de quatro anos de grandes confusões, o jogo escolhido foi Vasco e América. Daí em diante, o Brasil inteiro passou a chamar o clássico entre as duas equipes de “Clássico da Paz”. Mas, foi só a partir dos anos 40, que o futebol ganhou os relatos apaixonados em espaços cada dia maior.

Nos diários cariocas, especialmente, houve o surgimento dos primeiros nomes consagrados da imprensa esportiva. Nelson Rodrigues, Mário Filho e Mário de Andrade apareciam com discussões sobre a importância do futebol para a sociedade brasileira, além de crônicas maravilhosas, sempre sobre os clubes de sua cidade.

Essas crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio para o jogo seguinte e, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador. Talvez nem seja jornalismo. As crônicas de Nelson Rodrigues e Mário Filho tinham vida própria, fruto do jeito carioca de fazer jornalismo. Entre a lenda e a verdade, a literatura sempre vai preferir a lenda. O jornalismo deve preferir a verdade.

Para André Ribeiro (2007), da profissionalização de jogadores juntamente com o surgimento da rádio Tupi, a primeira de diversas emissoras do empresário Assis Chateaubriand, também fazem parte desta história.

Na década de 50, a cobertura da Copa do Mundo realizada no Brasil e a construção do Maracanã caracterizaram o Brasil como o país do futebol. Só para se ter uma ideia, o capitão do primeiro título mundial do Brasil era o zagueiro Bellini, do Vasco. Nunca foi fora de série. Era famoso por jogar duro. Quando viajou para a Suécia, na Copa de 58, apostava-se que seria o reserva de Mauro Ramos de Oliveira, do São Paulo, muito mais técnico do que ele. Não foi e ganhou a posição durante os treinos e porque Vicente Feola, treinador da Seleção, optou por uma dupla já entrosada, já que, Orlando, seu companheiro de zaga, também atuava no cruzmaltino. Ao levantar a taça acima da cabeça, o zagueiro eternizou o gesto e inspirou jornalistas como Nelson Rodrigues e Mário Filho a produzir crônicas enormes e cheias de emoção, que o celebrizaram como zagueiro elegante, mito do futebol brasileiro. Passou a ser tratado com reverência, como herói nacional, diferentemente de Carlos Alberto Torres, Dunga e Cafu, que protagonizaram o mesmo gesto, e que jamais foram tratados com a mesma reverência dedicada a Bellini. Talvez seja essa a diferença do jornalismo esportivo que é praticado nos moldes atuais. Nos relatos sobre o tetra e sobre o pentacampeonato faltou a dramaticidade que sobrava nas coberturas das campanhas de 1958, 1962 e 1970. A noção da realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo. O ponto-chave é que, muitas vezes, tal cobertura exige mais do que a noção da realidade.

Não é à toa que alguns dos melhores jornalistas brasileiros começaram a carreira no jornalismo esportivo: Joelmir Beting, Armando Nogueira, Alberico Souza

Cruz entre outros. Esse tipo de cobertura sempre misturou emoção e realidade em proporções muitas vezes equivalentes. É possível fazer uma brilhante matéria de economia falando de futebol, alinhar uma reportagem de política com o futebol, em matérias também repletas de realidades.

Já no meio do século 20, João Saldanha fez uma previsão nos final dos anos 60: a revista esportiva mais lida no Brasil, Placar, nunca sairia dos primeiros números. Mas, como todo velho e bom palpiteiro da bola, sua profecia não se concretizou.

Paulo Vinicius Coelho (2004) aborda a importância dos veículos que se dedicavam ao esporte.

A partir da segunda metade dos anos 60, com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão. Nesse período, as mesas de debate surgiam a todo vapor como a extinta Resenha facit, a mesa de debates mais famosa do futebol com Nelson Rodrigues, Luiz Mendes, José Maria Scassa e João Saldanha.

Conforme Coelho (2005), de 1965 até 2008, a imprensa esportiva evoluiu. Nos anos 70, veio a força da TV, com a aparição da TV Excelsior. Personalidades importantes também surgiram no rádio. Washington Rodrigues, o Apolinho, José Carlos Araújo, o garotinho, Milton Neves, Osmar Santos, José Silvério entre outros fazem e fizeram parte deste contexto.

Nos anos 1970, a imprecisão diminuiu bastante, graças ao compromisso da imprensa de contar a verdade e é justamente nesse período que surge a primeira transmissão de uma copa do mundo, ao vivo, pela televisão brasileira. Surgem Galvão Bueno e Juca Kfoury. No final dessa década, acontece a segunda maior greve de jornalistas do país.

No começo dos anos 80, a dimensão dos fatos futebolísticos ganha maiores proporções com os acontecimentos, como por exemplo, o caso da denúncia da revista Placar contra a máfia das loterias. A troca de Luciano do Valle da Rede Globo para a Rede Bandeirantes. A criação do Show do esporte, na própria TV Bandeirantes, também forma fatos importantes. Em 1991, surgem os canais de TV a cabo, SporTV e ESPN Brasil. Ao longo desta década também surge a alta tecnologia e a criação de

programas como Cartão Verde, na TV Cultura e na Folha de S.Paulo o Painel F.C, o Apito Final, na TV Bandeirantes, além das mudanças editoriais feitas na revista Placar.

Para Paulo Vinícius Coelho (2004), o que aconteceu de 1997 até os dias atuais de maior destaque na imprensa esportiva é a internet. O início do ano de 2000, por exemplo, foi promissor. Sites dos mais variados assuntos pipocavam e tiravam profissionais das redações mais importante do país.

Uma série de jornalistas acreditou na aposta da internet. Durou menos de um ano. Em 2001, a situação já era outra. Vários *sites* estavam anunciando falência. Com isso, muitos bons jornalistas que deixaram suas redações, não conseguiram retornar, sendo substituídos por outros jornalistas mais baratos. Esse tipo de substituição nem sempre reflete equivalência entre profissionais qualificados e não qualificados. Mas o que era uma incógnita, hoje é realidade. O jornalismo esportivo ganhou um espaço importante e é imprescindível nos principais meios de comunicação nos dias atuais. Com isso, surgem jovens profissionais sedentos em praticar sua paixão: escrever sobre esportes. A cidade de São Paulo é o grande polo do jornalismo brasileiro. É onde estão as melhores oportunidades de emprego, onde existem mais oportunidades para o profissional colocar-se. Uma grande editoria de esportes costumava ter 30 pessoas na metade dos anos 1990. Número, aliás, que serviu de balizamento para a criação do jornal *Lance*, o jornal de esportes mais completo da atualidade, lembrando que o *Jornal dos Sports* encerrou suas atividades. A empresa chegou a contar com 40 profissionais, no Rio de Janeiro e 30 em São Paulo. A primeira geração foi um sucesso. É assim também que se forma qualquer redação. No início de 2002, a editoria de esportes da *Folha de S.Paulo* contava com cerca de 15 jornalistas. A editoria ganhou destaque, recebeu aumentos salariais e se incorporou ao time seletos dos profissionais relativamente bem pagos do país.

A rigor, há quatro grandes redações de jornal no país: O Estado de S. Paulo, a Folha de S. Paulo e O Globo, no Sudeste, e a Zero Hora, no Sul. Elas concentram os bons salários, investem na formação de profissionais, encarregam-se de substituir os experientes que deixaram a profissão por outros mais jovens e formados na companhia de exemplos consagrados. Ainda assim, não é na editoria de esportes que se concentram os melhores salários das grandes redações, mas é para ela que seguem os

focas, novatos que chegam sedentos de trabalho e crescimento profissional. As portas de entrada para os novatos são a editoria de esportes e cidades. O que é ótimo para quem quer seguir carreira em outras áreas. E péssimo para o desenvolvimento da própria carreira de jornalista esportivo.

Análise tática sobre jogo de futebol vai sempre valer relatos dignos de fazer o torcedor mais fanático se arrepiar tanto quanto a descrição perfeita de partida de futebol. A conquista do título, a jogada fantástica, a história comovente sempre mereceram o tom épico que desapareceu das páginas de jornal. Nenhum manual de redação será capaz de ensinar a dose de emoção que se emprega num texto de jornalismo esportivo. A emoção também faz parte do jornalismo, como bem mostraram as crônicas de Nelson Rodrigues no passado. E alguém precisa fazê-la retornar ao cotidiano das páginas esportivas. Mesmo que alguns mitos da história do esporte brasileiro tenham ficados perdidos num tempo restrito à descrição nua e crua da realidade.

Hoje, o que se vê e ouve são as mais diversas formas de multimídia interagindo com o público telespectador, público ouvinte e, é claro, os internautas que, por meio desta ferramenta participam de chats e blogs que tratam do assunto futebol com diversas opiniões e comentários.

1.2 Mercado

Quem for apaixonado por futebol e entrar na redação pensando que irá escrever só sobre futebol, pode se dar mal. O problema, é que quem for louco por vôlei, basquete, tênis e sonhar ser especialista no esporte de que gosta, encontrará dificuldades para conquistar o reconhecimento na profissão. Há bons exemplos de

êxito, como Cida Santos, jornalista que trabalhou com esportes olímpicos na *Folha de S. Paulo* até lançar um livro sobre o ouro olímpico e ser reconhecida como especialista no assunto. O mesmo vale para Malchiádes Filho, especialista em basquete. Quem faz basquete geralmente também faz vôlei, atletismo, boxe, etc. Quem faz automobilismo tem bom nível de especialização, já que precisa de conhecimentos específicos, como o funcionamento de um motor. Mas como ser especialista em basquete se é preciso também acompanhar atletismo? Não existe jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele que se dedica a transmitir de maneira geral, o especialista em generalidades. Que se torna muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico, ou seja, quando vira jornalista de basquete, vôlei, futebol, automobilismo. Nunca de esportes.

Ninguém entende mais do assunto do que um garoto de 12 anos. Essa é uma frase das mais sábias verdades sobre jornalismo dedicado a um assunto específico: futebol. Pergunte a um garoto de 12 anos o que você quiser saber o time dele. Ele lhe dará o calendário, os próximos jogos, a partida que passou o último reforço, os desfalques para a próxima rodada. Na cabeça de muitos profissionais que hoje atuam com esportes, foi nessa faixa etária que passou pela primeira vez a ideia de virar jornalista esportivo. No caso do jornalismo esportivo, o menino deixa uma história muito mais bem formada do que a revelada pelo menino que se transforma em jornalista político ou econômico. Este aprende com o garoto de 12 anos o bom texto. Aprende com a leitura de livro bem escrito, com histórias bem contadas por algum parente paciente. O que importa é saber construir uma boa matéria, priorizar a informação, ter noção exata de qual é o *lide* da matéria que está por nascer e o encadeamento de ideias para tornar a história suficientemente atraente. Tudo isso é bom jornalismo. É a síntese da profissão, que vive de apurar informações inéditas e construir matérias corretas. O principal mecanismo é o conhecimento, que se adquire em bom curso de graduação em qualquer área.

A equipe conta, até os ermitões sabem. Mas a diferença é o indivíduo. O jornalista que se prepara que acompanha treino, que compara estatísticas individuais e coletivas, que estuda a história do jogo, dos jogadores, dos torcedores e dos clubes, que tenta ver as partidas com o olhar do torcedor, que repassa as regras do futebol,

que tem o regulamento do campeonato nas mãos, que treina, enfim, esse faz o jogo dele independente da qualidade do time. E sai ganhando sempre. No mínimo, empata. Como os craques da comunicação, que nem precisam fazer tudo isso para brilhar. Porque são craques, que sempre têm gente para correr por eles. Para Sérgio Villas Boas(2005, p.36), “todo jornalista futebolístico é um torcedor – quem não for, insisto, pode ser jornalista, mas não de futebol”.

1.3 Especialização

“Em jornalismo, especialidade deveria significar compreensão aguda de questões-chave relativas a macrotemas do conhecimento humano, entendidos em sentido amplo”, afirma Sérgio Villas Boas (2005, p.7).

“Ok, mas e o esporte? Ele é uma especialidade jornalística ou uma “função” dentro de sua repartição? Esporte deveria ser uma especialidade jornalística. Mas parece impossível um jornalista dominar todos os meandros de todas as modalidades esportivas. Concordemos ou não, o fato é que ser jornalista esportivo, hoje, no frígido dos ovos, significa cobrir um ou alguns esportes”. Sérgio Villas Boas(2005, p.8).

Esporte é muito mais que um jogo. Envolve ciência, tecnologia, saúde, política, história, comportamento, economia. Há inúmeras interfaces possíveis, polêmicas e necessárias que o jornalista poderia costurar para não se ater somente à questão da disputa. Porém, como é possível, neste mundo de competição e *marketing* elevados ao cubo, dar mais credibilidade ao combalido jornalismo esportivo? O esporte é talvez o mais democrático dos temas. Elias Awad apitou pênalti contra a antiética: “Às vezes entendo também que nós, jornalistas, somos os maiores culpados e responsáveis pelos antiéticos que andam espalhados por aí, ganhando espaço exagerado na mídia. Vândalos das torcidas, personagens folclóricos e polêmicos, dirigentes inescrupulosos, políticos com segundas intenções e, por que não, os próprios jornalistas aproveitadores

de situações. Saindo dos gramados, pé ante pé, José Eduardo de Carvalho, em “O discurso esportivo”, esclarece as evoluções e involuções do linguajar da imprensa: “Como a linguagem jornalística esportiva no Brasil nunca teve uma escola definida e, portanto, não havia um receituário específico para a elaboração do discurso, a criação de uma estética própria dependeu muito da convivência com a obra dos cronistas, de uns poucos exercícios acadêmicos e de uma inevitável fase de tentativa e erro até que algo original fosse criado”. Sérgio Villas Boas (2005, p.39).

Num passado recente, havia apenas livros sobre sociologia do esporte, psicologia do futebol, de crônicas esportivas e uma preciosidade amarelada: Regras e arbitragem de futebol, publicado em 1950, assinado por Olímpicus, o nome artístico de Thomaz Mazzoni, durante muitos anos redator-chefe do jornal *A Gazeta Esportiva*. Talvez seja, um dos primeiros livros escrito com viés de jornalismo esportivo e que servia para os que queriam erra pouco, ao escreverem uma matéria. Ao longo dos anos, surgiram outras obras como Futebol ao sol e à sombra, do escritor uruguaio Eduardo Galeano, de 1995, e um que fica no meio dessa linha do tempo, chamado É gol(torcida amiga, boa tarde), assim mesmo, com o subtítulo entre parênteses, escrito por Ignácio de Loyola Brandão e ilustrado por Vallandro Keating, em 1982. Outros livros sobre esporte e futebol apareceram nas livrarias pelo Brasil ao longo dos anos. As obras literárias a despeito do esporte e principalmente voltadas ao jornalismo esportivo são fundamentais para o jornalista que procura a especialização na área. O jornalista faz parte do espetáculo. Mostra que ele é apenas o intermediário entre os artistas e o público, não sendo também seu papel substituir o locutor comercial. É possível isso no jornalismo de hoje? Nos meios impressos a separação entre a propaganda e a informação é mais nítida. Os comunicadores transformam programas esportivos em verdadeiras feiras-livres ou camelódromos, e com isso, a informação perde credibilidade e a notícia fica em segundo plano. Existe grande diferença entre um jornalista esportivo e um garoto-propaganda. Além da necessária independência em relação aos anunciantes, a credibilidade conquista-se também com a informação precisa, sustentada pelo conhecimento da matéria. É de suma importância a necessidade de aprimoramento constante do jornalista que cobre a área esportiva. Uma

das vantagens em fazer jornalismo esportivo nestes tempos é a de contar com uma bibliografia esportiva em crescimento.

Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou *internet*. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público. A reportagem é a alma, a essência do jornalismo. Apurar e divulgar notícias, contar uma boa história, que seja verdadeira, que tenha sido bem checada e que responda as perguntas básicas do *o quê, quando, como, quem e por que* é o dever de todo bom jornalista. Uma boa reportagem depende de boas perguntas feitas para as pessoas certas no momento adequado. Se fizer bom uso desse instrumento de trabalho, o repórter esportivo tem tudo para ser um ótimo profissional.

É bom lembrar sempre que, em qualquer área do jornalismo, o repórter é o elemento mais importante da cadeia de produção. No esporte não é diferente. Porém, não se pode confundir pequenos boletins de conteúdo especulativo, sem profundidade, apenas para dar um registro do clube, com reportagem de jornalismo esportivo. Atualmente, o repórter chega hoje às redações mais preparado do que há 10, 15 anos. O perfil atual é de um profissional que fala no mínimo um idioma estrangeiro fluentemente e domina com facilidade importantes ferramentas de trabalho, como *e-mail*, processadores de texto, *lap top*, câmeras digitais etc. Este novo jornalista esportivo também exibe um conhecimento mais amplo de todas as modalidades esportivas e tem em geral menos resistência a fazer matérias tanto de cunho futebolístico quanto dos chamados esportes olímpicos.

1.4 Repórter Esportivo

Algumas regras básicas e dicas para se fazer um bom jornalismo esportivo: Os repórteres precisam ficar atentos para fatos que nem sempre dizem respeito diretamente ao esporte; repórter não é outdoor; a postura e o comportamento do repórter refletirão na própria imagem do veículo que ele trabalha; nunca venda a sua

credibilidade; o repórter esportivo deve sempre ter o regulamento do campeonato nas mãos para qualquer dúvida. Estudar as regras do esporte que cobre e manter-se sempre atualizado com os outros esportes é rotina para um bom jornalista esportivo; fuja da mesmice. Boa reportagem virá de um profissional que elabora, pesquisa e apura, sempre com fundamentação; É preciso tomar cuidado com a vontade de dar a notícia em primeira mão sem a devida checagem. Isso tem corrompido a boa reportagem. O repórter esportivo deve manter um bom contato com suas fontes, mas deve deixar bem claro que isso não significa troca de favores; a marca das transmissões esportivas é o improviso. Mas isso não significa que o repórter esportivo ignore as regras da língua portuguesa; a linguagem da reportagem deve ser acessível a qualquer interessado; nem todo mundo acompanha o esporte continuamente.

Por isso deve-se fazer uma suíte didática do tema tratado, partindo-se do pressuposto que se fala e escreve para um público de conhecimento mediano e mesmo os aficionados podem ter pedido; o rigor da apuração é o olho da reportagem. Sem acurácia não se pode divulgar nada; o repórter deve desconfiar sempre; há jornalistas que jogam a torcida contra atletas, dirigentes e técnicos. A missão do repórter não é tomar partido nem eleger os que são virtuosos e os que não são. Sua missão é apurar com precisão e divulgar; sempre que for possível, as entrevistas devem ser gravadas; mais do que qualquer outro assunto, o jornalismo esportivo precisa evitar o uso exagerado de adjetivos, principalmente, sensacional, extraordinário, dramático etc.; é preciso ver e rever os números citados na reportagem.

Erros de resultados de informes irrita e desqualifica a reportagem; cuidado com as reportagens técnicas; cada jornalista faz um recorte diferente da realidade. Por isso, o mesmo fato tem diferentes versões; um telefone pode salvar uma reportagem; no início de cada torneio é preciso checar a pronúncia correta do nome de cada atleta, cada participante e adotar um padrão. Regras simples, porém eficientes e imprescindíveis para o bom jornalista esportivo. E como diria Ciro Marcondes Filho: “pior do que ser anônimo é ser um jornalista de má fama”.

2 NEWSMAKING

2.1 Conceito

Trata-se de uma hipótese contemporânea de pesquisa em comunicação que se debruça sobre as rotinas de produção no jornalismo. É um estudo ligado à sociologia do jornalismo e tem ênfase na produção de informações, ou melhor, na potencial transformação dos acontecimentos cotidianos em notícia (HOLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001).

Para Olinda do Carmo Luiz, em *Ciência e risco à saúde nos jornais diários* declara que a outra vertente de pesquisa se configura na abordagem não dos efeitos dos meios de comunicação, mas das questões relacionadas aos emissores e aos processos produtivos da mídia. Chamados de *newsmaking* são fruto de estudos etnográficos e permitem a observação das práticas sociais que conformam a produção cultural. Os estudos verificam que, de um lado, existe a cultura profissional com suas retóricas, símbolos, tipificações, representações de papéis, rituais e convenções traduzidos em uma série de paradigmas e práticas profissionais assumidas como naturais. E que, de outro, coexistem as restrições relacionadas à organização do trabalho que determinam a definição da notícia, a utilização das fontes, a seleção dos acontecimentos, as formas de apresentação, enfim, um conjunto de critérios que definem o potencial de cada fato para ser transformado em notícia. (LUIZ, 2006).

2.2 Estudos

As pesquisas de *newsmaking* procuram descrever o trabalho comunicativo dos emissores como um processo no qual acontece de tudo – rotinas cansativas, distorções intrínsecas e estereótipos funcionais.

Mauro Wolf afirma que “baseando-se na etnografia dos *mass media*, essas análises articulam e individualizam empiricamente os numerosos níveis de construção dos textos informativos de massa” (WOLF, 1994, p. 226)

Como enfatiza Wolf (1994), esses estudos representam uma primeira tentativa, em nível empírico, para descrever as práticas comunicativas que geram as formas textuais recebidas pelos destinatários.

São nos livros de Mauro Wolf, *Teorias da Comunicação* (1994, p. 159-227), e no de Nelson Traquina, *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”* (1993, p. 167-190), que vamos encontrar uma organização e uma sistematização dos estudos, que vêm sendo desenvolvidos a partir do *newsmaking* e alguns conceitos elaborados dentro do quadro referencial proposto por essa abordagem.

2.3 Gatekeeper

O primeiro questionamento que surge para pôr em causa a afirmação dominante no campo jornalístico, de que as notícias são como são porque a realidade assim as determina, é do *gatekeeping*. É um processo pelo qual as mensagens existentes passam por uma série de decisões, filtros até chegarem ao destinatário ou consumidor.

O termo *gatekeeper*, que se refere à pessoa que toma a decisão, foi introduzido pelo psicólogo social Kurt Lewin, num artigo publicado, em 1947, sobre as decisões domésticas relacionadas á compra de alimentos para casa. David Manning White (1993) foi o primeiro a usar o conceito ao jornalismo.

White concebe o processo de produção da informação como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias é filtrado, tem que passar por diversos portões, que são áreas de decisão nas quais o jornalista (*gatekeeper*) seleciona se uma notícia vai

entrar ou não. A notícia que for descartada não será publicada, é claro, naquele jornal. (WHITE, 1993, p. 143).

O trabalho publicado em 1950 é um estudo de caso. White (1993) observou a forma como procede *Mr. Gates*, um jornalista de 25 anos de atividade, que trabalha numa cidade do Midwest, de 100 mil habitantes e que tem a função de selecionar, entre a grande quantidade de despachos que chegam todos os dias, aqueles que o jornal deve publicar.

White (1993) revela na pesquisa que *Mr. Gates* costumava fazer anotações no material das agências classificando-as de uma forma subjetiva: “[...] 26 artigos foram rejeitados como sendo ‘demasiado vagos’, 51 ‘como composição aborrecida’ e 61 por serem ‘sem interesse’.” (WHITE, 1993, p. 149)

Segundo White (1993), o processo de seleção é subjetivo e arbitrário, com as decisões dependendo muito de juízos de valor baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*. As pesquisas que se seguiram relacionaram o aspecto de, na seleção e na filtragem das notícias, as normas ocupacionais parecerem mais fortes que as referências pessoais.

Warren Breed (1993) publicou o primeiro estudo que alargou a perspectiva do *gatekeeper*. Ele estudou o controle social nas redações, analisando os mecanismos de manutenção da linha editorial e política dos jornais. O autor observa que o jornalista conforma-se com as normas da política editorial da organização independente de qualquer ideia que ele tenha trazido consigo.

Breed (1993, p. 157-161) apresenta seis motivos que fazem com que o jornalista se conforme com a política editorial da organização: a autoridade institucional e as sanções; os sentimentos de dever e estima para com os superiores; as aspirações à mobilidade profissional; a ausência de fidelidade de grupo contrapostas; o caráter agradável do trabalho; o fato de a notícia ser transformada em valor. Na sua atividade diária, explica o autor, o jornalista redefine seus valores ao nível mais pragmático da redação.

Conforme Wolf (1994), os estudos posteriores à análise de Breed (1993) apontam para a necessidade de integrar a análise do papel do *gatekeeper* no diagnóstico dos papéis produtivos e da organização burocrática da qual faz parte. Essa

passagem marca a transição dos estudos sobre a manipulação explícita da informação para a questão da distorção inconsciente que acontece constantemente na cobertura jornalística.

As exigências organizativas e estruturais e as características técnico-expressivas, próprias de cada meio de comunicação de massa, são elementos fundamentais para a determinação da reprodução da realidade social fornecida pela *mass media* (WOLF, 1994, p. 166).

Enquanto os estudos sobre o *gatekeeper* ligavam o conteúdo dos jornais ao trabalho de seleção das notícias, executando pelo *guarda do portão, da barreira (gate)*, os estudos mais recentes sobre a produção de notícias relacionam a imagem da realidade social, dada pelo *mass media* com a organização diária das empresas jornalísticas.

Essa perspectiva é diferente daquela que remete toda a deficiência da cobertura informativa exclusivamente para pressões externas, pois abre a possibilidade de captar o funcionamento da distorção inconsciente, vinculada ao exercício profissional, às rotinas de produção, bem como aos valores partilhados e interiorizados sobre o modo de desempenhar a função de informar.

2.4 Resultado

Por que as notícias são como são? Que imagem elas fornecem ao mundo? Como essa imagem é associada às práticas do cotidiano na produção de notícias, nas empresas de comunicação? Essas são algumas das questões que se ocupa o *newsmaking*, cuja abordagem se dá dentro do contexto da cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e os processos produtivos. As diversas conexões e relações existentes entre esses dois aspectos são a preocupação central da pesquisa da produção da notícia.

O tempo é o eixo central do jornalismo. Sob a pressão da hora do fechamento, as empresas do campo jornalístico são obrigadas a elaborar estratégias para dar conta da sua matéria-prima principal: a notícia. Ela pode surgir em qualquer parte e a qualquer momento. Diante da imprevisibilidade, as empresas necessitam colocar ordem no tempo e no espaço.

Tuchman (1983) afirma que o fim declarado de qualquer órgão de informação é fornecer relatos de acontecimentos significativos e interessantes. O objetivo, apesar de evidente, como muitos outros fenômenos aparentemente simples, é inextricavelmente complexo. O mundo da vida cotidiana, fonte das notícias, é constituído por uma superabundância de acontecimentos, que as empresas jornalísticas têm que selecionar.

Essas empresas tentam impor uma ordem no espaço, estendendo uma rede para capturar os acontecimentos. Elas utilizam três estratégias para cobrir o espaço. A primeira é a territorialidade geográfica. O mundo é dividido em áreas de responsabilidade territorial. A segunda é a especialização organizacional. As empresas colocam repórteres em certas organizações que, do ponto de vista jornalístico, produzem acontecimentos noticiáveis.

Uma terceira estratégia usada pelas empresas jornalísticas é a especialização em termos de temas: são as seções específicas dos jornais, como: economia, esportes, etc. A consequência fundamental da rede é impor uma ordem no mundo social (TUCHMAN, 1983, p. 39-44).

Na produção de notícias, temos, por um lado, a cultura profissional; e, por outro, as restrições ligadas à organização do trabalho sobre as quais são criadas convenções profissionais que definem a notícia e atestam o processo produtivo, desde a captação do acontecimento, passado pela produção, edição até a apresentação. Resultado: estabelece-se assim um conjunto de critérios de relevância que definem a noticiabilidade de cada acontecimento. Ou seja, a sua capacidade para se transformar em notícia.

A análise da recepção marca um novo ponto de partida para estudar com profundidade os processos reais através dos quais os discursos do meio de comunicação se associam aos discursos e as práticas culturais às audiências,

atendendo dessa forma a uma variedade complexa e negociada de interesses e necessidades (JENSEN, 1993, p. 178).

De um modo geral, esses são alguns aspectos do vasto campo de produção das notícias. No nosso entendimento, a pesquisa de campo permite que muitos deles fiquem mais claros, além de contribuir, cada vez mais, com novos subsídios para o estudo do *newsmaking*.

3 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

De acordo com Traquina (2005, p.63), a proximidade do objeto de estudo é um dos principais critérios de noticiabilidade.

Critério de noticiabilidade é o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são os conjuntos de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor-notícia” (newsworthiness.) Um dos valores-notícia fundamental da cultura jornalística” é a proximidade, sobretudo em termos geográficos, mas também em termos culturais.

Para Ericson, Baranek e Chan (1999), a simplificação da notícia é também ligada à proximidade cultural de um acontecimento. Ora, vejamos a importância em que alguns dos teóricos se referem quanto a um dos critérios de noticiabilidade: a proximidade dos fatos. No Caderno de esportes do Correio Braziliense, pode-se perceber, inicialmente, que, outros valores-notícia são levados em consideração.

Segundo Pena (2005, p.130), a definição do que é notícia está ligada a um consenso entre editores, repórteres e diretores.

A noticiabilidade é negociada por repórteres, editores, diretores e outros atores do processo produtivo na redação. Então é possível que, na avaliação de escolha do que é notícia, os próprios valores-notícia são usados para sistematizar o trabalho na redação e isso faz com que, qualquer jornalista sabe dizer o que é notícia e o que não é de acordo com esse senso comum.

Mas, se tratando do periódico de maior circulação no Distrito Federal e com poder de retórica na formação de opinião de leitores é necessário mostrar que as notícias esportivas locais precisam ser mais destacadas e ocupar quase que na sua totalidade, as primeiras páginas de um dos jornais mais lidos pela população brasiliense. “O Gatekeeper é um clássico exemplo de teoria que privilegia a ação pessoal” (PENA, 2005, p.131).

No capítulo anterior observa-se que o conceito refere-se à pessoa que tem o poder de decidir, se deixa passar a informação ou se a bloqueia. Ou seja, diante de um grande número de acontecimentos, só se transformam em notícias aqueles que passam por uma cancela ou portão (gate em inglês). E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o gatekeeper), que é o próprio jornalista (TRAQUINA, 2005,p.133).

A Teoria da Notícia revela que “a previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de noticiabilidade, isto é, a existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham” (TRAQUINA, 2005, p.165).

Nelson Traquina, em suas obras, explica como se deu, ao longo da história, a decisão do que seria notícia e como os veículos influenciaram diretamente essas decisões. “O New York Sun, por exemplo, dava ênfase às notícias locais, às histórias de interesse humano, e apresentava reportagens sensacionalistas de fatos surpreendentes” (TRAQUINA, 2005, p.67).

Ao longo do período de construção de conceitos e critérios de noticiabilidade percebe-se que o caderno de esportes do jornal impresso Correio Braziliense, no ano de 2008, apresenta de outra forma as suas manchetes.

“Segundo Galtung e Ruge, a significância é um valor-notícia que tem duas interpretações. Uma diz respeito à relevância do acontecimento, isto é, ao impacto que poderá ter sobre o leitor ou os ouvintes; a segunda interpretação tem a ver com a proximidade, nomeadamente a proximidade cultural” (GALTUNG e RUGE, 2005, p.71).

Numa ponte entre esses critérios e o Caderno de Esportes, pode-se considerar a proximidade das informações como de relevância para criar uma identidade entre torcedor-leitor e os clubes de futebol de Brasília, e a cultura esportiva da cidade.

A continuidade como valor-notícia consiste na idéia de que logo que algum acontecimento ou assunto atinja os cabeçalhos e seja definido como notícia, então continuará a ser definido como notícia por algum tempo, mesmo que a amplitude seja drasticamente reduzida(GALTUNG e RUGE, 2005, p.71).

Nas páginas principais do Correio Braziliense, é possível, através da pesquisa quantitativa realizada, notar que os critérios adotados pelos jornalistas não se coadunam com o que autores e pesquisadores afirmam.

Para Sérgio Vilas Boas(2005, p.28), no livro Formação e Informação Esportiva, “os jornais, pelo próprio nome, precisam focar o leitor da cidade”.

Para o autor, as principais notícias esportivas da capital precisam ganhar notoriedade e ser parte mais presente nas principais páginas de esportes dos jornais impressos.

“Todo jornalista futebolístico é um torcedor – quem não for, insisto, pode ser jornalista, mas não de futebol. Como torcedor que foi, é, e precisará ser ele também fica uma arara com o jornalista parcial. Com o bairrismo.” (BOAS, 2005,p.36). Numa análise inicial, é possível referendar que o bairrismo que se dá no jornal tido como objeto de estudo acontece às avessas, o bairrismo em prol de clubes de outros estados.

O jornalista esportivo André Ribeiro enfatiza no livro “Os Donos do espetáculo – Histórias da Imprensa esportiva do Brasil”, que durante o tempo em que o futebol nacional cresceu se deu pelo fato da participação efetiva da imprensa junto a esse esporte, que tornaria mais tarde como o principal do país.

“A paixão desenfreada dos torcedores garantia a venda dos principais jornais do Rio e de São Paulo; tanto é verdade, que quase todos mantinham seção esportiva diária”. (BOAS, 2007, p.44).

Naqueles tempos, jornalistas esportivos mantinham os torcedores-leitores informados sobre o futebol de sua cidade natal e com isso criavam uma identidade, uma espécie de vínculo entre os torcedores e os clubes de suas respectivas localidades.

Nelson Traquina insiste que é importante criar esse elo. A definição deste conceito de proximidade tanto de forma geográfica como cultural é utilizada, como vai

se verificar mais adiante, como peso para colocar clubes de outros locais em destaque, porque estariam “próximos culturalmente”.

O que este trabalho defende é diferente. Nunca vai haver proximidade se o princípio que norteia o trabalho jornalístico local é manter distância da sua própria sede.

4 DIMENSÕES SOCIAIS DO ESPORTE

O esporte atualmente é considerado um dos maiores fenômenos sociais do século. Esta evolução fez com que o mesmo assumisse múltiplas possibilidades, interessando diversos setores como, por exemplo, o político, econômico, social, cultural, educacional, entre outros. Considerando como variável, as dimensões sociais do esporte podem estar subdivididas em três modelos de esportes esporte educação, esporte lazer e esporte performance ou de alto rendimento. Para Tubino(2001, p 38), o conceito foi explorado pela sociologia, mas pode ser interpretada no campo do jornalismo.

Mas, afinal de contas, qual é o conceito de esporte? Em resumo, podemos definir como uma atividade física e mental, que envolve competição, ritual, espetáculo, jogo, lazer, recreação, educação física e treinamento. Mas o esporte é muito mais que isso. Nos séculos XIX e XX, o esporte sempre esteve atrelado aos aspectos social, político e cultural. A expressão esporte deriva da etimologia da palavra desporto, que significa sai do porto.

Segundo Barroso e Darido(2006), o esporte é tratado como um fenômeno sociocultural que se apresenta de diferentes maneiras em nossa sociedade. Sua história se confunde com o ato humano de jogar, visto inúmeras tentativas de associação de manifestações esportivas modernas com jogos e rituais antigos. Contudo, o esporte da forma como é entendido nos dias de hoje, é historicamente recente, embora apresente alguns elementos em comum com manifestações antigas da humanidade. Isso se deve ao fato de que o esporte moderno delimitou seus moldes e normas sociais a partir do séc.XVIII, seguindo o processo civilizatório da sociedade (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005; PILATTI, 2006).

O fato é que a diferenciação entre formas modernas de esportes e rituais antigos mora não no ato motor ou no jogo em si, mas sim, no sentido dado à prática, visto que essa forma mais recente rompeu com o espiritualismo ou formas transcendentais de expressão humana (GUTTMANN, 1994, p 02).

Guttman(1994, p.02) apresenta como resultado de comparação entre as formas atuais e antigas de jogos, as características do esporte moderno, que o diferenciam de qualquer outra forma de ritual ou manifestação sócio-cultural humana: secularização, especialização dos papéis, racionalização, burocratização, quantificação, igualdade de chances na disputa, busca de recorde.

A secularização caracteriza-se como a forma de entender o esporte não mais no ponto de vista transcendental, ligado a significados religiosos, mas sim, ao tempo real. Na especialização dos papéis, pode ser associada à divisão do trabalho e ao cumprimento de funções específicas por cada indivíduo no decorrer do processo. Já a racionalização, se expressa na criação de regras que normatizam a prática esportiva. A burocratização surgiu com vistas à organizar o esporte de forma racional, respeitando normas e processos de procedimentos e avaliação determinados. A quantificação é, para algumas modalidades, a forma de comparação de performances e de estabelecer a disputa. Também se expressa na demonstração numérica do rendimento humano. Na igualdade de chances, leva-se a disputa a uma legitimação, iniciando-a com os competidores nas mesmas condições de atuação perante as regras estipuladas. O recorde é a expressão da vontade humana de superação dos próprios limites e uma forma de eternizar marcas alcançadas.

O esporte moderno se apresenta como um fenômeno que remete a condições de interação social e troca de informações entre os participantes. Embora apresente algumas características próprias de um ambiente de disputa, pode proporcionar momentos que requeiram atitudes de cooperação entre os praticantes.

O esporte se manifesta em três formas: Esporte performance ou de alto rendimento, esporte como atividade de lazer e esporte educação (BRACHT,1997,p.12)

4.1 Esporte Performance ou de Alto Rendimento

Também conhecido como esporte de alto rendimento está preocupado em conseguir novos êxitos, vitórias e é regido por regras universalmente preestabelecidas que estão vinculadas as federações, confederações nacionais ou internacionais.

O esporte de rendimento apresenta uma tendência a ser praticado pelos talentos esportivos, tendência que marca o seu caráter antidemocrático (DARIDO; RANGEL, 2008, p. 181).

Nessa tendência o esporte segue uma linha que quem o pratica são considerados os melhores, pois um dos objetivos é a vitória deixando de lado um caráter de democracia, onde quem quisesse praticar poderia fazê-lo. É nessa tendência que quando trabalhado dentro das escolas, a literatura crítica fica aguçada, mostrando que essa dimensão pode trazer malefícios para os alunos, como por exemplo, a especialização precoce. Voser, Neto e Vargas (2007), definem iniciação esportiva precoce como atividade desenvolvida antes da puberdade, caracterizada por uma alta dedicação aos treinamentos e principalmente por ter uma finalidade competitiva.

Kunz (1994) refere-se ao termo “treinamento especializado precoce”, na qual este ocorre, quando crianças são introduzidas antes da fase pubertária a um processo de treinamento planejado organizado em longo prazo, que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do aumento gradual de rendimento, além da participação periódica em competições. Este tipo de treinamento acontece possivelmente por dois motivos: a falta de conhecimento do professor e/ou as ações (pressões, ideias, valores) oriundas do sistema, na qual, ao observar um grande potencial na criança, os professores se preocupam com a elevação do seu rendimento e incentivam a obtenção de títulos, com o objetivo de adquirir resultados em curto prazo na modalidade. Mas não se pode sacrificar todos os profissionais que trabalham com crianças e adolescentes, até porque, pode acontecer de muitos serem competentes tecnicamente, mas ao sofrerem pressões externas, ficam sujeitos aos equívocos.

Ao inserir a criança prematuramente no esporte, Kunz (1994), afirma que pode ocasionar prejuízos em seu futuro como formação escolar deficiente (devido a grande exigência de acompanhar com êxito a carreira esportiva); a unilateralização de um desenvolvimento que deveria ser plural; as reduzidas participações em atividades, as brincadeiras e jogos do mundo infantil, indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade na infância e naturalmente, também, tanto à saúde física quanto à psíquica são atingidas num treinamento especializado precoce.

Considerando estes aspectos, são notáveis os prejuízos que a prática intensiva de um esporte competitivo iniciado precocemente na infância pode ocasionar. No entanto, em meio a esses aspectos negativos, Tubino (2001,p.41) apud Darido e Rangel (2008, p.181) citam alguns pontos positivos que justificam uma relevância social do esporte performance ou de alto rendimento, citando que essa dimensão pode acomodar uma atividade cultural que proporciona um intercâmbio internacional, a geração de turismo e o envolvimento de recursos humanos qualificados, o que provoca a existência de várias profissões especializadas no esporte, entre outros.

Portanto, fica evidente que o esporte performance ou de alto rendimento é retratado como uma prática que possui seus objetivos centrado na vitória, ou seja, de conseguir novos êxitos, possuindo um caráter antidemocrático, na qual a uma disposição a ser praticado pelos talentos esportivos.

O esporte de rendimento pode ser resumido nos seguintes pontos: um aparato para a procura de talentos normalmente financiados pelo Estado; um pequeno número de atletas que tem o esporte como principal ocupação; uma massa consumidora que financia parte do esporte-espetáculo. Tais características apontam para uma prática voltada à constante busca para a melhora do desempenho atlético e competitivo, o que exige grande dedicação dos praticantes e sinaliza para um ambiente profissional. O esporte de alto rendimento apresenta como objetivo central de seus praticantes a busca pela vitória, superação do adversário e determinação de campeões através da comparação direta de performances e aptidões e a busca pelo recorde. Transmite valores como segregação, rivalidade, sobrepujança ao adversário e valorização dos vencedores em detrimento dos perdedores.

4.2 Esporte Lazer

O esporte como atividade de lazer apresenta-se de duas formas distintas, podendo ser praticado sob as normas do alto rendimento ou sob uma forma ressignificada (MARQUES, 2005, p.44).

Na primeira, o esporte segue as regras e normas formais e, em geral ocorre em ambientes próprios e formatados para tais práticas amadoras. A segunda forma, ressignificada, não respeita, necessariamente, a lógica do alto rendimento. Baseia-se num princípio de ressignificação da prática esportiva, ou seja, atribuir novos significados através da adaptação de regras, espaços, materiais, número de participantes, diferenciação de objetivos, princípios e, principalmente, valores transmitidos. Visa à inclusão e a participação efetiva de todos os praticantes interessados, ou seja, o esporte lazer, como o próprio nome infere, é aquele que se apoia no próprio lazer em busca do bem estar dos seus praticantes. Geralmente é encontrado nos espaços livres como praças, praias, quadras poliesportivas e na rua.

4.3 Esporte Educação

Um dos principais erros que constitui o esporte educacional historicamente é o sentido que os professores acabam atribuindo a ele. Os jogos escolares, por exemplo, que deveriam ter um caráter eminentemente educativo, apresentam outro significado, ou seja, o de competições de alto rendimento reproduzindo todas as suas características, inclusive desfigurando o conceito de esporte educação, levando com consequência, a exclusão e a competitividade exarcebada.

Deve ser evitada à seletividade, a segregação social e a hipercompetitividade com vistas a uma sociedade livremente organizada, cooperativa e solidária (TUBINO, 2001, p.38).

Considerando esse aspecto, pode-se dizer que o principal objetivo do esporte educação é a democratização do movimento, dando oportunidades a todos sem discriminação nenhuma, promovendo assim a inclusão através da participação e envolvimento do sujeito nessa ação, que se faz através do esporte enquanto prática pedagógica com características educacionais e que visa à cidadania e a formação do indivíduo.

O professor, ao trabalhar o esporte educação deve proporcionar aos alunos uma vivência em diferentes modalidades. Deve levá-los a refletir de forma crítica, não só sobre os problemas que envolvem o esporte na sociedade, tais como drogas ilícitas, corrupção, violência, mas também sobre seus aspectos positivos, como a geração de empregos, o desenvolvimento de pesquisas científicas, tanto no tocante a novas tecnologias, como na área médica (DARIDO;RANGEL, 2008, p.180).

Um dos objetivos do professor de educação-física ao trabalhar o conteúdo do esporte na escola é oportunizar a prática de várias modalidades esportivas onde, através dessas atividades, ele possa instigar os alunos a refletir de forma crítica sobre a mesma. Considerando essas características, há uma diferença entre o esporte da escola e o esporte na escola. No esporte da escola, as regras são flexíveis, modificáveis, há uma busca pela participação coletiva, priorizando a inclusão de todas na atividade proposta. Os jogos são criados e idealizados pelos alunos. O professor funciona como mediador dos alunos, além de possuir uma característica lúdica. Não há separação por sexo, entre outras. Já no esporte na escola são reproduzidas as regras já existentes, e há uma busca pelo gesto técnico, sempre tendo que haver um campeão. Existe um profissional técnico e a possibilidade para o desenvolvimento da criatividade é reduzida. Há uma separação por sexo, possuindo uma tendência a ser praticado pelos talentos esportivos. Portanto, ficam claros os objetivos do esporte quando trabalhado com os preceitos educacionais, ficando a decisão para o professor em qual perspectiva ele irá desenvolver o seu trabalho, a respeito do conteúdo esporte na escola.

O esporte educação é uma possibilidade de restauração do humano no homem. Há uma visão emergente emancipadora, concepção que dá suporte ao conceito de esporte educacional, por valorizar os significados de participação, de totalidade, de coeducação, de emancipação, de cooperação, de solidariedade, de integração, de liberdade, de autonomia e de preservação da identidade cultural.

4.4 Esporte Participação

Nessa perspectiva, o conteúdo esporte tem como propósito, o prazer lúdico, procurando garantir o bem social dos praticantes e buscando a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e a relação entre as pessoas (TUBINO, 2001, p.38).

O esporte participação pode ser praticado por todos, sem nenhuma forma de discriminação, onde geralmente essas manifestações ocorrem em espaços não comprometidos com o tempo e livres de obrigações da vida cotidiana. Considerando esses aspectos, Almeida e Gutierrez (2008, p. 01) corroboram com a ideia dizendo que realizar atividades físicas sem pretensão de superar índices individuais para apenas sentir-se integrado ao meio ambiente, ser atraído para a prática de um esporte despojado de comparações atléticas, sentir-se satisfeito pela convivência com as pessoas, perceber a facilidade de acesso á prática de atividades físicas e esportivas oferecidas por uma estrutura de funcionamento organizada com segurança para a integridade pessoal de todos, tornar possível a realização do convívio social e seu aproveitamento decorrente do esporte, favorecer uma prática esportiva que elimine diferenças no sentido de democratizar o bem estar, são componentes de um contexto que envolve o esporte participação.

Fica evidente nessa dimensão do esporte a preocupação com o prazer, a diversão, a integração social entre povos, o não comprometimento em obter vitórias ou novos êxitos, sendo um espaço de prática, onde todas as pessoas podem praticar.

A integração entre povos através de parcerias e alianças desenvolvidas entre as comunidades é que fortalece esses grupos (TUBINO, 2001, p.39).

Por tudo isso, é que podemos perceber que essa dimensão juntamente com o esporte educação, quando trabalhado seguindo seus preceitos e objetivos reais, podem estar mais inter-relacionada com os caminhos democráticos em relação a prática esportiva.

Independentemente em qual forma de manifestação o esporte se apresenta, a competição é um aspecto inerente, e é nessa característica que mora a diferenciação entre tais esferas, ou seja, o sentido agregado à prática deriva da forma com que a competição é representada e o valor dado à mesma. Dessa maneira, o que é socialmente aceito durante a disputa deriva no sentido dado à prática e as normas adotadas pelo grupo. Por essa razão, nota-se no esporte performance ou de alto rendimento, uma necessidade primordial de racionalização, burocratização e a presença de arbitragem, pois a vitória é o objetivo central da prática, o que pode estipular formas estratégicas e até ilegais de ação. Por outro lado, no lazer ressignificado, por não haver uma normatização universal, e suas regras e normas de ação serem pautadas no consenso inicial estipulado pelo grupo (legalidade definida), tal sentido proporciona a possibilidade de ausência de arbitragem e a tomada conjunta de decisões entre os participantes.

Tais formas de manifestação são expressão de um único fenômeno sociocultural que pode ser denominado como esporte contemporâneo, que se apresenta de forma diferenciada em relação ao surgimento do esporte no séc.XVIII, tanto em relação à espetacularização do esporte performance ou de alto rendimento, quanto à forma heterogênea no lazer. Independente do foco (rendimento ou educação), o que mais impacta nas consequências é a maneira como o profissional conduz a atividade esportiva. Em outras palavras, o profissional tem grande responsabilidade sobre os benefícios e os malefícios do esporte.

A influência do esporte de rendimento na prática do esporte escolar não pode ser atribuída apenas a um fator. É importante ressaltar, que mais cedo ou mais tarde, o desencadeamento dessa implicação, de fato, acontecerá, mas de uma maneira

paliativa, porém de continuidade no processo de formação de uma juventude, hoje, influenciada pelo esporte como espetáculo e não como uma forma de sociabilização. O esporte é uma ferramenta de inclusão social, que se inicia nas escolas com o objetivo de instruir, capacitar e fomentar os futuros cidadãos. O esporte é um produto canalizador, pelo qual os jovens podem se livrar de elementos destrutivos, como as drogas, por exemplo, e para a formação de caráter de qualquer cidadão. Cabem, agora, as instituições educacionais, o poder público e aos governantes, priorizar os princípios e valores do esporte.

5 O FUTEBOL NO CERRADO

Para Gustavo Mariani (1985), o futebol candango nasceu como uma imposição social, que acompanhou a construção de Brasília. Os clubes iam brotando nas empresas construtoras e eram formados com os nomes das próprias empresas.

Atletas que haviam sido profissionais em outros estados, sabendo que encontrariam emprego em Brasília se fossem bons de bola, não titubearam em aventurar. Surgiu o Defelê, no Departamento de Força e Luz; o Rabelo, na Rabelo; o Pederneiras; o Planalto; o Colombo, na Cidade Livre; o Luziânia em Luziânia; o Cruzeiro, no bairro do Cruzeiro. Chegaram atletas de nomes como Ceninho, Beto Preti, Djalma Alves, Múcio, Íris, Reims, Betão, Otaziano, Wander, Fino, Bimba, Alaor Capela.

Não demorou que o amadorismo candango virasse amadorismo marrom, tentando-se até o profissionalismo em 1965, mesmo constando-se que, o ritmo das construções havia decaído em 1963, levando as construtoras a se desinteressarem do futebol e matando alguns clubes.

Mas, de acordo com Gustavo Mariani (1985), os campeonatos amadores empolgavam e até a Taça Brasil o Distrito Federal foi incluído. Os clubes candangos disputavam a Taça na chave de Goiás, Mato Grosso e Espírito Santo. Houve um departamento autônomo até 1966, na Federação Desportiva Brasiliense, que virou Federação Metropolitana de Futebol em 1974.

Segundo Gustavo Mariani (1985) , em 1959, disputou-se o primeiro campeonato amador. O Grêmio Esportivo Brasiliense venceu. Legalizada a FDB, o primeiro clube a jogar em Brasília foi o Fonseca de Niterói, que enfrentou o Guará para que o CND entregasse os alvarás de funcionamento. Segundo o mesmo autor, numa obra rara sobre o esporte local, a FDB organizou seu primeiro campeonato Amador em 1960.

O Defelê, com um time à base de atletas vindos de Minas Gerais, venceu em 1961 e 1962. Nesse período, bons atletas foram revelados como Guairacá, Arnaldo Gomes, Otávio Walmir, Axel, Sólon, Sudeco, Dario, aquele que foi do Palmeiras, Fluminense, Flamengo e Ceub, hoje UniCEUB. E não foi uma nem duas vezes que aqui jogaram Pelé, Garrincha, os grandes clubes do sul, do nordeste e até uma seleção chilena. Segundo Gustavo Mariani (1985), os estadinhos de terra batida ficavam lotados. Em 1973, o Ceub foi incluído no Campeonato Nacional. O Carioca – fundado por funcionários do Tribunal Federal de Recursos de Méritos - foi o segundo clube candango a entrar na Loteria Esportiva, contra o Planalto do Gama, que fora o primeiro contra o Piloto que, como o Carioca, só disputou campeonato amador, embora fundado na vigência do profissionalismo.

De acordo com Gustavo Mariani (1985), o Rabelo, uma vez, foi ao Espírito Santo e venceu o Rio Branco de 1x0. Foi ao Piauí e venceu o Flamengo local e o River, ambos pelo placar de 1X0. No Pará, empatou duas vezes de 1x1 com o Remo e perdeu de 2x1 para o Payssandu. Quando perdeu o apoio da firma e morreu em 1969 os grandes clubes do país pegaram oito atletas da equipe. Sudaco, lateral-esquerdo do São Paulo, foi um deles. O Cruzeiro disputou a Taça Brasil de 1964 e no primeiro jogo venceu o Vila Nova em Goiânia por 2x1. Perdeu o segundo e foi desclassificado no tapetão, porque não tomou conhecimento da data do terceiro jogo. Conforme Gustavo Mariani (1985), o Clube de Regatas Guará é o clube mais antigo em atualidade no Distrito Federal. Foi idealizado em uma barraca de lona em um dia de folga dos candangos. Na cantina do Saps, após o almoço de um dos domingos de 1956, virou realidade e ali mesmo foi lavrada à ata de sua fundação em uma caderneta de ponto. O primeiro presidente foi Francisco Luis de Bessa Leite e o nome foi este por haver próximo ao acampamento da Novacap, um córrego onde havia grandes quantidades de lobos chamados Guará. Ao tomar conhecimento de sua fundação, o engenheiro chefe da Novacap, Bernardo Sayão, apoiou a idéia, autorizou a construção de um campo e disse: “Façam o campo na Colina, junto ao acampamento, pois o Guará será o Lobo da Colina”. Foi sua fundação que motivou os empregados das outras construtoras a também criarem seus clubes, que, em pouco tempo chegaram a dezenove. Seu primeiro jogo foi contra a Empresa de Construções Gerais do Gama. Em 1959, foi vice

campeão amador e em 1960 promoveu um torneio com o Canto do Rio e o Grêmio Brasiliense.

Campeão em 1986, o Clube de Regatas Guará, no ano de 2008, disputa a segunda divisão do futebol local. Bem diferente do passado de glórias aonde chegou a revelar talentos para o futebol nacional como Renaldo, artilheiro do campeonato brasileiro de 1996, com 16 gols pelo Atlético-MG.

Para Gustavo Mariani (1985), a partir de 1976, a Confederação Brasileira de Desportos – hoje CBF – não aceitou mais o Ceub como convidado no campeonato nacional. Exigiu que ele participasse de um campeonato regional. Então, viria o segundo profissionalismo candango, já iniciado pelo Ceub.

Surgiram às equipes do Brasília, apoiadas pela Associação Comercial do DF; um time de peladas do Cruzeiro, o Flamengo, virou profissional e mais tarde virou Cruzeiro; e das cidades satélites vieram o Gama, Humaitá/Guará, Pioneira/Taguatinga e o Canarinho que representava Brazlândia, mas era de Taguatinga.

Como só o Ceub tinha condições de disputar um campeonato profissional, fez-se o Torneio Imprensa para dar tempo aos outros regularizarem.

Então, o Taguatinga foi o sucesso com o jogador Banana fazendo a torcida ir ao estádio do Pelezão carregando folhas de bananeira, tornando-se o primeiro grande ídolo do futebol candango e levando sua torcida até a anunciar que plantaria um pé de bananeira no local, caso o Taguatinga vencesse o Torneio Imprensa.

Banana ficou conhecido nacionalmente. Transferiu-se para o Vasco da Gama e quando voltou, ingressando no Brasília E.C foi sucesso no campeonato Nacional em 1977 e voltou a ser desejado nacionalmente.

Conforme Gustavo Mariani (1985), o primeiro turno do Campeonato foi a Taça Brasília, vencida pelo Ceub. O segundo seria com todos do primeiro e o terceiro somente com os campeões dos dois turnos e os melhores em renda. De acordo com o autor, para se conhecer o campeão no prazo dado pela CBD, para que ele participasse do nacional, a Federação Metropolitana de Futebol – depois Federação Brasiliense de Futebol – dividiu em dois grupos. O Ceub ganhou um e o Grêmio o outro. Brasília, Taguatinga e Humitá decidiram à outra vaga do terceiro turno. Mas, descobriu-se que o Grêmio estava irregular na FMF, começou a briga e ao invés da seleção do segundo

turno fez-se um seletivo. Só que quando este terminou a CBD já havia excluído o Distrito Federal do Nacional e a Ponte Preta, de São Paulo, ocupou a vaga.

O seletivo foi iniciado por Brasília, Ceub, Taguatinga e Humaitá e o Grêmio impetrou um mandado de segurança para impedir sua realização. A FMF derrubou na primeira Vara e daí por diante foi uma batalha judicial de todos os lados, culminado com a morte do Ceub.

O campeonato ficou às moscas e o Brasília foi tri profissional e juvenil em 1976/77/78, melhorando o campeonato em 1978 quando o Governo do Distrito Federal construiu cinco estádios nas cidades satélites. E, em 1979, foi a vez de o Gama ser campeão profissional e juvenil.

Segundo Gustavo Mariani (1985), em 1968, foi criado o Ceub, nome de uma universidade particular de Brasília. Os jogadores Adilson Peres, Humberto Gomes, Hezir Spínola, Luis Roberto de Souza, Zé Valter, entre outros se reuniram para as peladas de finais de semana, mas, em 1971 o time se filiava ao Departamento Amador da FMF.

Mudou o nome para Ceub F.C, para disputar o Nacional de 1973 e por três anos esteve aquele torneio sempre com equipes de velhos jogadores, como Rildo, Oldair, Cláudio Garcia, Fio Maravilha, Valdir, ex-goleiro do Vasco, que levou o último gol de Pelé em Brasília em 1973.

As revelações foram Déo, Paulo Victor (goleiro Fluminense e Seleção Brasileira), Nonoca, Nenê, Júnior Brasília, Marco Antônio, Péricles, Gilbertinho, Alencar, Moreirinha, Emerson, Rogério, Robério Bayer e de fora acertou com Xisté. Estreou no Nacional de 1973 empatando com o Botafogo.

Venceu o Corinthians por 2x0 e o Cruzeiro também pelo mesmo escore. Excursionou na Itália, Espanha, Iugoslávia e Ásia em 1974, vencendo e perdendo cinco jogos e empatando três. Em 1971, foi o quarto colocado em um torneio universitário em Porto Alegre e também venceu um torneio em Goiânia contra clubes locais. Foi campeão local em 1973. O Brasília iniciou suas atividades em 1975, com Cláudio Garcia e Carananbu Bessa fazendo uma peneira no Pelezão.

Conforme Gustavo Mariani (1985), o seu primeiro jogo interestadual foi um 3x1 sobre o Fluminense de Araguari, em 1976. O primeiro título veio em 1975, num Torneio

Incentivo. O primeiro grande jogo foi uma injusta derrota de 1x2 para o Flamengo do RJ e o primeiro jogo internacional, outra injusta derrota de 0x1, frente à Seleção da Iugoslávia. Em 1977 entrou na Copa Brasil e fez uma campanha tão boa na fase preliminar que conseguiu integrar o Distrito Federal em torno dele. De acordo com o autor, o time era um sucesso, mas o futebol era pouco divulgado. O antigo estádio de futebol Pelezão, vivia lotado e o plano piloto não ficava tão isolado porque tinha clubes competitivos disputando campeonatos.

Em 1978, os clubes enfrentaram as televisões e em alguns jogos no Gama as rendas foram um sucesso.

A torcida comparecia com o coração aos estádios. Para Gustavo Mariani (1985) os ex-jogadores são categóricos em afirmar que, Brasília é um celeiro de craques. Não só do futebol. Basquete, natação, vôlei, todos são exemplos de esportes em que, brasilienses ou filhos de candangos criados aqui, brilham ou brilharam como Julinho, Júnior Brasília, Banana, Edmar, Lúcio, Dill, Kaká, Digão, Amoroso, Dimba entre outros.

Seguem abaixo, segundo dados da federação de futebol local os campeões do futebol de Brasília: Defelê (1960,61, 62 e 68), Ass. Esportiva Cruzeiro do Sul (1963), Rabelo F.C. (de 1964 a 1967), Coenge (1969), Grêmio Esportivo Brasiliense (1970), Clube Atlético Colombo (1971), Ass. Atlético Serv. Gráfico (1972), CEUB (1973), Pioneira (1974), Campineira (1975), Brasília E.C (1976 a 1978, 1980, 1982 a 1984 e 1987), Gama (1979, 1990, 1994, 1995, de 1997 a 2001 e 2003), Taguatinga (1981, 1989, e de 1991 a 1993), Sobradinho (1985), Tiradentes (1988), Guará (1996), CFZ (2002), Brasiliense (de 2004 a 2009), Ceilândia (2010), Brasiliense (2011), Ceilândia (2012) e Brasiliense (2013).

6 JORNALISMO ESPORTIVO EM BRASÍLIA

O futebol é indubitavelmente o carro-chefe do jornalismo esportivo, mas ainda engatinha no Distrito Federal. Brasília é uma cidade cosmopolita, onde culturalmente torcedores da cidade se identificam com times dos grandes centros do futebol brasileiro, como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. O grande desafio do jornalismo esportivo local passa também pela cultura jornalística, com ênfase no jornalismo político. Mas com a chegada dos grandes eventos esportivos como Olimpíadas no Rio de Janeiro e Copa do Mundo no Brasil, o interesse pela editoria de esportes cresceu nos últimos anos. Com a demanda maior, o mercado em Brasília se desenvolve e abre mais oportunidades para quem deseja ingressar nessa área, com adaptações às novas regras que a rotina jornalística exige. Com pouco desenvolvimento e consistência no cenário nacional, o futebol candango, apesar da sua história, caminha lentamente, quase que estático. Porém, apesar das dificuldades em torno do futebol local, é ele o propulsor das grandes reportagens e matérias nas principais redações de esportes do Distrito Federal. No início, as dificuldades são muitas e as variáveis, nem sempre sopram a favor. Os jornalistas que pretendem entrar na cobertura esportiva enganam-se ao achar que farão grandes reportagens logo no começo. Até porque, numa comparação com Rio de Janeiro e São Paulo, o volume de informações é bem menor e com realidades distintas. Diferentemente do eixo Rio-São Paulo, os jornalistas esportivos de Brasília convivem com equipes bem menores, escassez de mão de obra qualificada e a falta de apoio aos eventos esportivos. Na contramão do fluxo, o jornalista que se aventurar a exercer e se especializar na área precisa de muito foco e determinação. Para alguns especialistas, o futuro é promissor. Com a vinda das Olimpíadas e da Copa do Mundo, o Brasil tem demonstrado um amadurecimento na visão esportiva. Ao tratar o esporte como um dos pilares de

desenvolvimento, o país passou a encarar o esporte como fonte de aquecimento da economia e geração de emprego. Esse avanço vai influenciar, brevemente, o mercado do jornalismo esportivo brasileiro. Além disso, a capital federal é o centro das movimentações políticas, que são importantes para todo o Brasil. Muitas diretrizes, decisões e votações que envolvem o esporte são decididas nos ministérios, na Câmara ou no Senado, gerando material e pauta para a produção de matérias no âmbito do jornalismo esportivo.

O problema é que, há alguns anos, o esporte tinha pouco espaço no jornalismo em Brasília e não era tão privilegiado. Hoje, pouca coisa mudou, apesar de vivenciarmos uma década em que o esporte foi, é e será o principal mote para a área jornalística. De uns tempos para cá, algumas ações saíram do papel e tivemos alguns programas na TV aberta, por exemplo, onde o viés era a programação esportiva. Os jornais impressos da cidade deram mais espaço para a editoria de esportes. Com o avanço, as equipes aumentaram e passaram a dar mais valor ao esporte local, contudo longe do ideal. Jornalistas admitem que as editorias responsáveis pela cobertura esportiva no Distrito Federal ainda são pequenas. Para conquistar o espaço necessário, o jornalista esportivo precisa conhecer todos os processos da produção de notícias, além de estar preparado para lidar e desenvolver o seu trabalho em qualquer esfera midiática. No início da carreira, o salário é desencorajador. No geral, os jornalistas de impresso e TV recebem mais que os de rádio e internet, além das condições desfavoráveis de trabalho. Campeonatos infantis, mirins, amadores, segunda divisão do campeonato candango, séries D e C do Brasileirão, são alguns dos desafios enfrentados pelos profissionais da área. Talvez a melhor forma de entrar nesse mercado seja fazer uma cobertura independente e colocar a mão na massa com a cobertura local, que serve de preparação para a entrada na grande imprensa. Com a chegada das novas tecnologias, há mais facilidade em termos de visibilidade para apresentar também o trabalho para o mercado nacional. Estar atento aos veículos de comunicação da cidade, também é um fator preponderante para se alcançar o êxito nas coberturas jornalísticas esportivas na capital. A especialização é outra vertente que aprimora o jornalista que escolhe o jornalismo esportivo, mesmo sendo muito complicado buscar emprego logo após a graduação, não só em Brasília, mas também

em outros centros, pois o mercado é bem restrito. Em relação a não obrigatoriedade do diploma, vale ressaltar que as grandes empresas ainda cobram a formação acadêmica para o exercício da profissão, além da exigência do domínio de outro idioma. Hoje, o jornalista esportivo que quer ingressar no mercado precisa estar preparado. Não basta ter apenas o conhecimento na esfera esportiva, mas também é preciso entender de direito desportivo, economia, sociologia, psicologia e um pouco de medicina desportiva. Será que haverá espaço no mercado para a crescente demanda de jornalistas esportivos? A Copa de 2014, deve realmente ampliar essa área? Independentemente das possíveis mudanças que o mercado de jornalismo esportivo sofre em Brasília, certamente essa é uma das áreas que oferecem uma maior realização profissional, o que impulsiona futuros repórteres, editores, cronistas, entre outros a escolherem a editoria de esportes.

7 FUTEBOL E INDÚSTRIA CULTURAL

A notícia é um produto à venda. O conceito a ser adotado neste trabalho para indústria cultural é o da “criação, produção e distribuição de produtos culturais destinados ao grande público”.

O termo indústria cultural não tem, neste trabalho, apenas o sentido histórico que Adorno e Horkheimer adotaram ao criticar a cultura da década de 1940. Porém, é importante conhecer para se apropriar e refletir sobre alguns conceitos. Esta pesquisa não tem por objetivo fazer referências tão amplas e complexas em um trabalho de conclusão de curso, mas demonstrar ao leitor, algumas conexões entre os assuntos e que vender um produto já estabelecido no mercado.

Para a professora Ana Márcia Silva (2006), da Universidade Federal de Santa Catarina, em “Esporte Espetáculo” (2006, p.25), o conceito de indústria cultural está relacionado com o processo de banalização da cultura e também de sua difusão, através de sua mercadorização. “Com isso, a produção da cultura vai se integrando ao modo de produção capitalista, assumindo a forma valor, sendo produzida para o consumo das massas”.

De acordo com Patrícia Ceolin Nascimento (2002), os fundamentos da Escola de Frankfurt baseiam-se em uma concepção marxista da sociedade e, assim, abordam a questão da produção de bens culturais a partir de um sistema social marcado pela “luta de classes”.

A esse sistema de produção de bens culturais – aqui inseridas as mensagens que circulam nos meios de comunicação de massa – deu-se o nome de indústria cultural.

Para W. Adorno e M. Horkheimer, dois dos principais expoentes dessa escola, apontam a opressão e a servidão dos homens como efeito da indústria cultural, marcada, portanto, pela manipulação das massas.

Dependência e servidão dos homens objetivo último da indústria cultural, não poderiam ser mais fielmente caracterizadas do que por aquela pessoa estudada numa pesquisa norte-americana, que pensava que as angústias dos tempos presentes teriam fim se limitassem a seguir as personalidades preeminentes. A satisfação compensatória que a indústria cultural oferece às pessoas ao

despertar nelas a sensação confortável que o mundo está em ordem, frustra-as na própria felicidade que ela ilusoriamente propicia. O efeito de conjunto da indústria cultural é o de uma antidesmistificação, a de um anti-iluminismo (anti-Aufklärung); nela, como Horkheimer disse, a desmistificação, a Aufklärung, a saber a dominação técnica progressiva, se transforma em engodo das massas, isto é, em meio de tolher a sua consciência. (ADORNO, 1977, p.257).

A autora afirma que, dessa forma podemos dizer que o modelo frankfurtiano pressupunha a ação da mídia na confluência de dois fatores: de um lado, o poder de uma indústria cultural opressora e onipotente e, de outro, as massas acríicas e dominadas.

Ela acredita que, tanto as teorias representadas pela Escola de Frankfurt quanto a teoria funcionalista norte-americana têm suas perspectivas baseadas nas ciências sociais e, modelam suas considerações acerca da comunicação do esquema E-M-R (emissor-meio-receptor), e acrescenta com ênfase no lugar do emissor; em outras palavras, o emissor detém formas de persuasão para atingir seu receptor, para atingir, provocando neste último efeito de manipulação (seja por ser detentor do poder do capital, em uma visão marxista, seja por deter meios de controle do processo comunicativo, em uma visão funcionalista).

Para o autor Paul-Laurent Assoun (1991), a Escola de Frankfurt constitui o objeto de apreciações de ordem filosófica, sociológica e política. Já para Francisco Rüdiger (1999), no capitalismo avançado, segundo os frankfurtianos, verifica-se que cultura e economia perderam sua autonomia relativa, encontram-se cada vez mais fundidas e desenvolvem-se em um só movimento.

A explicação materialista dos fatos sociais perdeu a força na medida em que as idéias passaram a ser industrializadas. Em virtude disso, a crítica da economia política precisa ser suplementada por uma crítica da indústria cultural. O autor ainda afirma que, somente assim poderemos entender devidamente a sociedade contemporânea.

Horkheimer e Adorno usam o termo indústria cultural para referirem-se, de maneira geral, às indústrias interessadas na produção em massa de bens culturais.

De acordo com Francisco Rüdiger (1999), a proposição exprime o primeiro mal-entendido do qual é necessário se desvencilhar, se quisermos entender o fenômeno de acordo com a segunda teoria crítica da sociedade. Em essência, a expressão não se

refere às empresas produtoras nem às técnicas de difusão dos bens culturais; representa, antes de tudo, um movimento histórico-universal: a transformação da mercadoria em matriz de cultura e, assim, da cultura em mercadoria, ocorrida na baixa modernidade.

Noutros termos, segundo Francisco Rüdiger (1999), o conceito de indústria cultural tem a ver com a expansão das relações mercantis pelo conjunto da vida social, em condições de crescente monopolização, verificadas a partir das primeiras décadas do século.

No princípio, o fenômeno consiste em produzir ou adaptar obras de arte segundo um padrão de gosto bem sucedido e desenvolver as técnicas para colocá-las no mercado. Obras de arte que são entendidas, em nosso plano de estudo, na notícia sobre futebol.

A colonização pela publicidade pouco a pouco o tornou veículo da cultura de consumo. O estágio final chega com sua produção mercantil, momento este em que o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural, enquanto máquina de publicidade. Nessa fase, o caráter comercial da cultura faz com que a diferença entre a cultura e a vida prática desapareça. A produção estética integra-se à produção mercantil em geral, permitindo o surgimento da idéia de que é possível fazer-se por meio da compra de bens de consumo. Os conglomerados privados passam a conferir um poder cada vez maior às tecnologias de reprodução e difusão de bens culturais, encaixando-as na estratégia de utilizar plenamente a capacidade de produção de acordo com o princípio do consumo estético massificado. Resumidamente, o autor afirma que, as mercadorias culturais deixam de ser sinônimo de criações artísticas e literárias, englobando a partir de então o conjunto de atividade econômica. O movimento da indústria cultural como um todo passa a processar o conceito que os bens de consumo adquirem no mercado.

Automóveis e calçados esportivos começam a ser consumidos como veículos de determinados valores comuns, promovidos publicamente através dos meios de comunicação. Os produtos da indústria passam a ser produzidos e vendidos como bens simbólicos e, pouco a pouco, assumem o caráter de mercadorias culturais tecnológicas. Para ele, na chamada indústria cultural, portanto, não se deve tomar de maneira literal

o termo indústria. A conceituação não depende de sua base tecnológica: refere-se, sobretudo ao emprego mercantil dos veículos de comunicação, ao manejo das técnicas de marketing (promoção) e à padronização dos bens artísticos e intelectuais. A cultura não pode ser motivo de indústria.

As tecnologias de comunicação, o cinema, o rádio, o vídeo, os cassetes, os programas de computador, etc, considerados como um conjunto formador de experiências entre si relacionadas e, no entanto diferentes por sua técnica e efeitos, constituem meramente o clima da indústria da cultura.

O fundamental aqui, segundo ele, é o processo social que transforma a cultura em bem de consumo.

Para Betti (1997), o esporte é um importante fenômeno social de massa e a competição de um espetáculo para entreter a massa e o ídolo é um dos componentes mais importantes, desse processo industrial.

Muitos deles são fabricados através da veiculação das mídias e, para se sustentarem, permanecerem no Olimpo, têm a necessidade de estar em evidência na mídia. O esporte, como fábrica de ídolos, assemelha-se às outras formas de espetáculo como o cinema e a música, que se utilizaram destes recursos para divulgar e vender as imagens e objetos de seus astros.

Quando resgatamos a história da mensagem esportiva do rádio, por exemplo, encontramos um referencial importante em Soares (1995), que apontou-nos que as informações vêm sempre das mesmas fontes, as notícias são repetitivas, variando apenas a redação, ou as características pessoais de cada jornalista.

Pela apuração realizada para este trabalho, são raras as matérias investigativas. Para Giovane Pires, em “Globalização, cultura esportiva e educação física”, o produto notícia em esporte tem sido vendido ao maior número de pessoas, às vezes não totalmente relacionado à cultura esportiva do receptor do conteúdo.

Entende-se que esporte moderno e indústria cultural representam face da mesma moeda, no sentido que o primeiro através de sua modificação estrutural, é idealizado e preparado para venda e segundo, no sentido de uma dominação ideológica, banalizando a produção cultural, preparando-a para uma massa de potenciais consumidores prontos para realizar a proeza de não frustrar o encontro entre eles (consumidores e vendedores) (PIRES, 1997).

8 ANÁLISE DE CONTEÚDO

8.1 Objetivo

Definitivamente, o campo, o funcionamento e o objetivo da análise de conteúdo podem resumir-se da seguinte maneira:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores(quantitativas ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção(variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2007, p.57).

Pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais mais complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas que embora parciais são complementares. Esta abordagem tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens). O analista possui à sua disposição (ou cria) todo um jogo de operações analíticas, mais ou menos adaptadas à natureza do material e à questão que procura resolver.

8.2 Organização da Análise

Para este trabalho foram escolhidas as categorias para avaliação, a partir da seleção dos principais temas recorrentes nos materiais jornalísticos.

Os principais assuntos foram:

- Políticos em campo

- falta de incentivo ao futebol local
- detrimento ao futebol brasileiro
- Falta de identificação do torcedor com o futebol da cidade
- Desvalorização das notícias esportivas da região
- Prioridade de notícias para equipes de outras localidades
- Reinauguração do Estádio Nacional Mané Garrincha
- Problemas na reabertura do estádio da Copa
- Cobertura da final do Campeonato Candango de 2013
- Cobertura da final da Copa do Brasil de 2002.

As diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

8.3 A Categorização

A divisão das componentes das mensagens analisadas em rubricas ou categorias não é uma etapa obrigatória de toda e qualquer análise de conteúdo. A maioria dos procedimentos de análise organiza-se, no entanto, em redor de um processo de categorização.

9.3.1 Princípios

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes,

que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade ficam agrupados na categoria ansiedade, enquanto que os que significam a descontração ficam agrupados sob o título conceitual de descontração, sintático (os verbos, os adjetivos), lexical (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dos sinônimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem).

A categorização é cotidiana na nossa vida; os jogos radiofônicos baseiam-se inteiramente na capacidade em produzir com rapidez numerosos elementos desta ou daquela categoria (descobrir em trinta segundos dez cidades começada por uma determinada letra do alfabeto, cada uma das quais com 50 a 100 mil habitantes: cruzam-se aqui dois critérios). Desde a escola pré-primária que as crianças aprendem a separar, classificar, e ordenar, através de exercícios simples. O processo classificatório possui uma importância considerável em toda e qualquer atividade científica.

A partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. A categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. Na análise quantitativa, as inferências finais são, no entanto, efetuadas a partir do material reconstruído. Supõe-se, portanto, que a decomposição, reconstrução desempenha uma determinada função na indicação de correspondências entre as mensagens e a realidade subjacente. A análise de conteúdo assenta implicitamente na crença de que a categorização (passagem de dados em bruto a dados organizados) não introduz desvios (por excesso ou por recusa) no material, mas que dá a conhecer índices invisíveis, ao nível dos dados brutos. Isto talvez seja abusar da confiança que se pode ter no bom funcionamento deste delicado instrumento. É preferível estar-se consciente do que se passa quando da efetuação de uma operação de tal modo habitual que parece anódina.

Um bom analista será, talvez, em primeiro lugar, alguém cuja a capacidade de categorizar e de categorizar em função de um material sempre renovado e de teorias evolutivas está desenvolvida.

A categorização pode empregar dois processos inversos: É fornecido o sistema de categorias e repartem-se da melhor maneira possível os elementos, à medida que vão sendo encontrados. Este é o procedimento por caixas, aplicável no caso da organização do material decorrer diretamente dos funcionamentos teóricos hipotéticos. E, ou o sistema de categorias não é fornecido, antes resultando da classificação analógica e progressiva dos elementos. Este é o procedimento por milha. O título conceptual de cada categoria somente é definido no final da operação.

Geralmente as categorias terminais provêm do reagrupamento progressivo de categorias com uma generalidade mais fraca. Existem boas e más categorias. Um conjunto de categorias boas, deve possuir as seguintes qualidades: a exclusão mútua: esta condição estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão. As categorias deveriam ser construídas de tal maneira, que um elemento não pudesse ter dois ou vários aspectos suscetíveis de fazerem com que fosse classificado em duas ou mais categorias. Em certos casos, pode pôr-se em causa esta regra, com a condição de se adaptar o código de maneira a que não existam ambiguidades no momento dos cálculos (multicodificação).

8.4 A Análise Categorical

No conjunto das técnicas da análise de conteúdo, a análise por categorias é de citar em primeiro lugar; cronologicamente é a mais antiga; na prática é a mais utilizada. Funciona por operações de divisão do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples.

8.4.1 *Notícia de Descrédito*

Este trabalho nomeará “notícia de descrédito”. Os materiais que tiverem por característica um viés em detrimento as notícias relacionadas ao esporte da sua localidade, poderão ser consideradas Notícia de Descrédito.

8.4.2 *Notícia de Desfoque*

É toda ou aquela notícia, que perde o foco principal dos acontecimentos principais e mais importantes do dia, além de manter fora todos os critérios de noticiabilidade. Para Silva (1997, p.137),

O enfoque é a preposição jornalística usada como sinônimo do *lide*, ou seja, tudo aquilo que não pertencer ao lide, também passa a ser uma notícia de desfoque.

8.4.3 *Notícia Secundária*

Podemos conceituar a Notícia Secundária a partir do momento em que as principais notícias do dia ficam em segundo plano adotando outros critérios de valores-notícia.

De acordo com Traquina (2005, p.63)

Critério de noticiabilidade é o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são os conjuntos de valores-notícia

que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor-notícia” (newsworthiness.) Um dos valores-notícia fundamental da cultura jornalística” é a proximidade, sobretudo em termos geográficos, mas também em termos culturais

Os conceitos elaborados na análise categorial são de extrema relevância para a continuidade do processo de observação do objeto, sempre focando o objetivo principal do trabalho, ou seja, demonstrar de que maneira e de que forma o futebol de Brasília tem sido desvalorizado pelo principal veículo impresso de comunicação no Distrito Federal, conforme poderemos verificar no próximo capítulo, através das análises de resultados.

9 O CADERNO DE ESPORTES DO CORREIO BRAZILIENSE: ANÁLISES E RESULTADOS

Este pesquisador estudou 19 reportagens do Caderno de Esportes do jornal Correio Braziliense, dos dias 12/05/2002 à 16/05/2002 e 17 à 19/05/2013, no qual se constata que, o principal fato analisado, ou seja, os *lides* e os títulos das reportagens da editoria do Caderno de Esportes do Correio Braziliense, além de não priorizarem as principais notícias do futebol do Distrito Federal, não contribuem para a valorização do futebol brasileiro e nem tão pouco para criar uma identidade do torcedor de Brasília com os times locais, que insiste em torcer por equipes de outros estados e cidades.

Quadro 1- Categorização das Notícias – Fonte do autor

Dia / Categoria	Categoria de descrédito	Categoria de desfoque	Categoria Notícia secundária
12/05/2002		“Negócios à parte” “Bloco dos sem-títulos”	
13/05/2002		“Opção ofensiva”	
14/05/2002	“Promessa de casa cheia”		
15/05/2002	“Sonho de glória” “Políticos em campo” “Sucesso amarelo”		“Com a mão na taça quebrada”
16/05/2002	“Faltou pouco”		
17/05/2013		“Artigos raros”	
18/05/2013			“Agora só falta a bola rolar” “Solenidade restrita”
19/05/2013	“O que vale para a decisão”	“Elza, Romário e contra-ataque” “Críticas: fila e trânsito” “A confiança do torcedor”	“Primeiros dramas do novo palco” “A emoção do primeiro gol” “Só elogios no discurso”

Para facilitar o trabalho organizamos e dividimos as reportagens em três categorias:

- a) **Notícia de descrédito:** Na matéria do dia 15/05/2002, o título “Sonho de Glória”, faz uma alusão a possibilidade de vitória do Brasiliense sobre o Corinthians, na final da Copa do Brasil. No *lide*, é evidente a demonstração em detrimento ao descrédito do futebol local: “ Ninguém em sã consciência, imaginaria que a decisão da Copa do Brasil deste ano seria no estádio de Taguatinga. E, mais surpreendente ainda, que a briga pelo troféu incluiria o até então desconhecido Brasiliense, hj, sob os holofotes da imprensa nacional”. Na reportagem do dia 14/05 2002, sob o título de “Promessa de casa cheia”, a matéria é dividida na mesma página e com o mesmo espaço, junto com a reportagem do Gama, intitulada “Panela de pressão”. No *lide*, mais uma vez se faz menção ao desdém do pouco interesse do torcedor com o futebol local: “Nas ruas de Taguatinga, dificilmente se veem torcedores com camisas do Brasiliense ou bandeiras dos clubes penduradas nas janelas”. Por conseguinte, no dia 15/05/2002, na reportagem com o subtítulo: “Políticos em campo”, há também uma clara evidência de analogia em detrimento ao futebol local, que pode ser observado logo no início do *lide*: “ Onze homens atrás de uma bola e um político por trás deles. O apelo popular do futebol transformou os estádios do Distrito Federal em palanques cobizados por gente interessada em um cargo eletivo. A manutenção do Gama na primeira divisão do Brasileirão e o sucesso inesperado do Brasiliense, alçado à final da Copa do Brasil, viraram uma combinação sedutora para quem anda atrás de voto. Empunhar a bandeira de um time, acreditam alguns, pode ser a melhor plataforma de campanha”. No mesmo dia, dando continuidade nas matérias esportivas, o Caderno de Esportes ilustra uma espécie de arquivo, dentro de um quadro chamado “Tema do dia”, contendo dados estatísticos do Brasiliense e mostrando superficialmente a evolução do futebol candango: “Decisão da Copa do Brasil – Confira a evolução do futebol candango, desde os tempos de amadorismo, com os pioneiros Defelê e Rabelo, passando pelo Ceub e culminando com o sucesso dos emergentes Gama e

Brasiliense”. Logo em seguida, uma página inteira dedicada ao hino do Brasiliense e um raio-x do time bem simplificado e com uma matéria no pé da página com a escalada: “Sucesso amarelo”. Mesmo assim, o *lide* possui um viés tendencioso em favor à desqualificação do nosso futebol candango: “Quando foi cassado pelo Senado por falta de decoro parlamentar, Luiz Estevão resolveu investir em um time de futebol. Ao mesmo tempo, tentava driblar a pressão que vinha sofrendo pela suspeita de ter sido um dos responsáveis pelo desvio de R\$ 169 milhões das obras do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) de São Paulo”. No dia 16/05/2002, um dia após a grande final da Copa do Brasil, a manchete da matéria do Caderno de Esportes dizia: “Faltou pouco”. Mesmo com erros de arbitragem comprovados a favor do Corinthians, o *lide* da matéria enfatizou mais a perda do título, do que a valorização de um time candango que foi prejudicado dentro de campo e por isso ficou com o vice-campeonato: “A música da Legião Urbana, tocada antes do jogo no Serejão, parecia premonição: Será que é só imaginação, será que é tudo isso em vão, será que vamos conseguir vencer? Ficou mesmo só na imaginação do Brasiliense a volta olímpica carregando o troféu da segunda competição mais importante do país”.

b) **Notícia de desfoque:** Na matéria do dia 12/05/2002, o Caderno de Esportes trás a manchete “Negócios à parte”. O conteúdo se refere á amizade entre Gil Baiano, jogador do Brasiliense e Vampeta, jogador do Corinthians. Mesmo sendo, o Brasiliense grande destaque da Copa do Brasil daquele ano, o *lide* da reportagem enfatiza um drible efetuado de Gil baiano sobre Vampeta, porém, mais em virtude do jogador do Corinthians, que disputaria a Copa pela Seleção Brasileira: “A jogada foi digna de aplauso. Depois de receber passe de Wellington Dias, numa cobrança de escanteio, Gil Baiano partiu para cima de Vampeta, tocou a bola entre as pernas e, na sequência, tocou para Mauricio empatar o jogo contra o Corinthains, no Morumbi com quase 70 mil pessoas. O clube paulista acabou vencendo a partida, mas o lance chamou a atenção não só pela beleza, mas pelo drible em um jogador que vai disputar a Copa do Mundo pela seleção Brasileira”. Na mesma página e na sequência da matéria, vem outra reportagem com um subtítulo “Bloco dos

sem-título”, referindo-se a alguns jogadores que nunca ganharam um título, fato este mais que normal dentro do futebol brasileiro: “A decisão da Copa do Brasil, na quarta-feira, contra o Corinthians, não é o compromisso mais importante apenas para o Brasiliense e seu um ano e nove meses de existência. Para 37% dos jogadores será a oportunidade de serem campeões pela primeira vez na categoria profissional. Dos 27 atletas, apenas 10 nunca sentiram o gostinho de levantar uma taça.” No dia 13/05/2002, semana da decisão mais importante para o futebol do Distrito Federal, desde o título de Campeão da Série B conquistado pelo Gama, em 1998, o Caderno de Esportes remete como principal notícia e manchete, as possíveis punições de alguns jogadores da S.E Gama, após a derrota no primeiro jogo da final do Campeonato Centro-Oeste, para o Goiás, por 3 x 0. Abaixo, num espaço bem mais reduzido da página, surge uma outra matéria com o título de “Opção ofensiva”, falando sobre o jogador Mauricio, do Brasiliense, que podia atuar tanto no ataque, quanto no meio de campo. Mas, o contexto continua sempre em prol de equipes de outros estados, como podemos observar no *lide* da matéria: “O título do Torneio Rio-São Paulo, conquistado ontem pelo Corinthians, não influenciará em nada na disposição dos paulistas para a decisão da Copa do Brasil, na quarta-feira”.

- c) **Notícia secundária:** No dia 15/05/2002, a manchete estampava: “Com a mão na taça, quebrada”. A reportagem aborda dois desconhecidos, que se confrontam para torcer por lados opostos, sendo que a principal notícia do dia é a final da Copa do Brasil: “Alexandre Gonçalves Garay, 20 anos, adora futebol. Sandro Joaquim da Silva, 26, também. Os dois nasceram em Brasília e moram em Taguatinga. O mais novo fará vestibular em breve e quer se formar em ciência da computação. Sandro estudou até a sétima série e hoje vende bandeiras de times para sobreviver”.

Para o jornalista esportivo Mauro Beting, “Os jornais, pelo próprio nome, precisam focar o leitor da cidade” (2005, p.28), mas, o que se verifica é que, o periódico aqui analisado, tem uma tendência noticiosa não só para clubes de futebol do eixo Rio,

São Paulo, entre outros, além de não realizar um trabalho de aproximação e identificação do torcedor e leitor com os clubes da cidade, mas de não realizar o trabalho de divulgação e distribuição das notícias utilizando os critérios de noticiabilidade, gerando, conseqüentemente no leitor, uma empatia com os clubes de futebol da cidade. Ao longo da análise, constatou-se que, durante o período proposto e verificado das finais da Copa do Brasil de 2002 e das finais do Campeonato Candango de 2013 (análise acima), o Caderno de Esportes do Correio Braziliense também deu pouco destaque para a principal notícia, dividindo na mesma proporção de importância e de espaço, com outras notícias não tão relevantes veiculadas na mesma página, o que reforça a tese da escolha do jornal por outros critérios de noticiabilidade, ao invés da proximidade geográfica e cultural, conforme autores consultados ao longo deste trabalho. Só para citarmos mais um exemplo, na capa do Correio Braziliense, do dia 16/05/2002, a manchete tinha o título de “Vice com muito orgulho”, em referência ao vice-campeonato conquistado pelo Brasiliense na Copa do Brasil. Entretanto, a reportagem não passou de uma página.

Não obstante e dando continuidade, a análise partiu para um período de 17/05/2013 até 19/05/2013, no qual seria a semana da final do Campeonato Brasiliense e a reinauguração do estádio Nacional Mané Garrincha. Semana de decisão de estadual é comum nos grandes veículos de comunicação, principalmente na editoria de esportes, a divulgação de tudo que é pertinente àquela que, em tese, é a principal notícia do mais importante momento esportivo da cidade naquele momento, ou seja, a final do campeonato local de futebol profissional.

Para facilitar novamente a compreensão do leitor, dividimos em três as categorias de análise das notícias:

- a) **Notícia de descrédito:** No dia seguinte, 19/05/2013, o Caderno de Esportes vem com o título de “O que vale para a decisão”, demonstrando na matéria, uma certa desorganização por parte dos times e da Federação Brasiliense de Futebol (FBF), de acordo com o *lide*: “A diretoria do Brasília viu o erro na quinta-feira e não acreditou. Preferiu procurar advogados antes de comunicar

aos jogadores de que a tarefa na tarde de hoje não é difícil quanto se pensou”.

- b) **Notícia de desfoque:** No dia 17/05/2013, sob o título de “Artigos raros”, a reportagem ganha ênfase e se foca nos ingressos que seriam vendidos para a reinauguração do estádio, conforme o *lide*: “A maioria dos interessados nem sequer percebeu, mas perdeu uma boa chance de assegurar um lugar nas arquibancadas do Estádio Nacional Mané Garrincha, que será inaugurado amanhã, com a final do Candangão”. No dia 19/05/2013, a série de reportagens é finalizada com o título de “Elza, Romário e contra-ataques” e carrega, em seu conteúdo, um contexto totalmente fora dos padrões jornalísticos, o que reforça e contribui para a não representatividade que o futebol local deveria exercer no torcedor do Distrito Federal, conforme se vê no *lide*: “Em uma cadeira de rodas, a viúva de Garrincha, Elza Soares, cantou o Hino Nacional Brasileiro, com uma voz cortante e impregnada de sentimentos, e abriu a cerimônia que antecedeu o jogo”. Na mesma página, há um quadro com uma análise da notícia, criticando alguns fatores e o não comprimento de algumas propostas da nova arena, como por exemplo, o respeito ao ingresso com lugar marcado, estacionamento inoperante e área da alimentação sem estrutura para atender a demanda. Na extensão da mesma lauda, também há uma nota de rodapé falando sobre a ação da polícia em coibir a venda ilegal de ingressos. O título é “Ação dos cambistas”. Ao lado, mais uma nota de rodapé ainda com empáfia nos problemas acarretados pela obra inacabada e trás no título: “Críticas: fila e trânsito”. Abaixo da principal matéria, entra um subtítulo “A confiança do torcedor”, que trás uma matéria curta e com a expectativa de três torcedores em relação à partida. No pé da página, há um quadro intitulado de “Com o pai e com o filho”, onde se constata uma foto do time do Flamengo, ao lado de outra fotografia com a dupla Iranildo e Romarinho, demonstrando que o meia Iranildo do Brasiliense, já havia atuado ao lado do pai de Romarinho, o deputado federal e ex-jogador de futebol Romário. Do lado direito da mesma página, outra matéria curta com o título de “Baiano: de

dispensado a possível campeão”, onde o tema abordado é sobre o volante Baiano do Brasiliense, um dos jogadores mais importantes que passaram pelo clube.

- c) **Notícia Secundária:** No dia 18/05/2013, dia da decisão do principal campeonato da cidade, o Caderno de Esportes deu prioridade para a reinauguração do Estádio Nacional Mané Garrincha. Com o título de “Agora só falta a bola rolar”, o jornal discorre sobre a presença da presidente da República, Dilma Rousseff e trata a notícia como a principal do dia: Segue o *lide*: “Depois de 1.027 dias desde que o original começou a ser demolido, o Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha, enfim, renasce ao lado do Eixo Monumental. Na manhã de hoje, em cerimônia oficial com a presença da presidente Dilma Rousseff, o governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz, inaugura a nova arena, que recebe, em 15 de junho, a abertura da Copa das Confederações”. Na mesma página, a reportagem se estende e com um subtítulo de “Solenidade restrita”, a matéria prossegue evidenciando a presença de pessoas importantes na final do Candangão 2013, como é demonstrado no *lide*: “O primeiro chute do novo Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha será dado, hoje, pela presidente da República. A comitiva de Dilma Rousseff vai desembarcar na arena candanga às 10h, e a agenda da chefe de Estado não prevê nenhum outro compromisso oficial neste fim de semana. Ela deve passar ao menos uma hora no local. O tempo no gramado, no entanto, será menor: cerca de 15 minutos”. Nada de escalação, de trio de arbitragem, de expectativa de torcedores, entre outros assuntos tão quanto ou mais relevantes, já que se tratava de uma final de campeonato estadual. No dia 19/05/2013, dia que sucedeu a final do campeonato candango, a reportagem do Caderno de Esportes continuou a insistir na importância do novo estádio e pouco se falou da partida final do certame. Com o título de “Primeiros dramas do novo palco”, a matéria mostra uma preocupação em torno de uma notícia que poderia estar inserida, mas não como a principal e sim como um complemento do noticiário mais importante do dia, que era a

final do Campeonato Candango de futebol profissional. No *lide*, a reportagem faz um mix de informação do jogo, com a inauguração do estádio: “Enquanto o sistema de som do novo Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha anunciava a escalação de Brasiliense e Brasília, os jogadores, perfilados no centro do gramado para a decisão do Campeonato Candango, olhavam-se como que estarecidos”. Logo abaixo, a matéria segue com mais um subtítulo de “A emoção do primeiro gol”, que trás como personagem principal, o lateral direito Bocão do Brasiliense, autor do primeiro gol no Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha: “ O nome do filho de Romário era o mais gritado da arquibancada. Mas a presença do atacante de 22 anos foi de coadjuvante, Na primeira vez que entrou em cena, participou da comemoração de Bocão”. Na análise, a concepção foi em relação à falta de uma matéria mais técnica e que traga as nuances da partida como um todo, assim como acontece nos principais cadernos esportivos dos periódicos brasileiros. No mesmo dia, o Caderno de Esportes continua com o noticiário e na página seguinte solta a manchete: “Um dia para a história”, no qual novamente se prioriza a reinauguração do estádio, ao invés de abordar outros assuntos que envolvesse a final do Candangão 2013. No *lide*, obtemos a mesma percepção: “Após quase três anos de obras, o Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha abriu ontem seus portões para a festa do futebol.” Na sequência, há um subtítulo “Só elogios nos discursos”, no qual a matéria prossegue falando da importância do estádio: “Após dar o pontapé inicial do estádio, a presidente Dilma Rousseff apontou, em seu discurso, o Mané Garrincha como exemplo”.

O que pode ser observado também é o conteúdo dos contextos das matérias analisadas, quase sempre em detrimento ao futebol local. É importante ressaltar, que o futebol de Brasília tem história e já esteve por diversas vezes no cenário nacional e até internacional. O jornalismo esportivo, através da imprensa, tem um papel fundamental nesse processo de distribuição e divulgação das notícias e de alinhar essa relação da

população com o futebol da cidade, sem deixar de lado a ética editorial e o compromisso com a veracidade dos fatos.

Fazendo uma analogia com o futebol acreano, peço permissão para fazer um adendo sem desrespeitar. O principal motivo pelo qual o Acre se tornou um estado esquecido pela população brasileira é, sem dúvida, a falta de divulgação. Nunca se vê falar absolutamente nada em noticiários da TV ou jornal brasileiro do estado do Acre. Podemos citar vários aspectos que corroboraram para que ele entre no esquecimento dos brasileiros: estado pouco populoso, distante das grandes metrópoles, não conter nenhum grande atrativo turístico, como uma praia paradisíaca; e, mesmo atrativos como Museu da Borracha, Casa do Seringueiro ou o Parque Ambiental Chico Mendes, não chega a ser suficiente para atrair turistas. Se falar em esporte, conseqüentemente, o Acre é um estado que acaba não tendo grande apelo para levar o grande público ao estádio, pois, além de não participar de campeonatos com visibilidade nacional, se quer podemos citar um jogador acreano de expressão completando o elenco de grandes times do futebol brasileiro. A questão da distância dos grandes centros dificulta, até porque, se fosse um estado que possuísse qualquer outro atrativo turístico, neste caso, teria uma mídia nacional, quiçá internacional espontânea. Isso poderia forçar a mídia local a atender o critério de noticiabilidade, que toca a proximidade e acabaria com a sensação dos brasileiros de que o Acre não faz parte do Brasil.

O futebol de Brasília está na iminência de estar para o esporte, assim como o Acre está para os brasileiros, necessitando dessa forma de uma mídia comprometida com o principal critério de noticiabilidade, a aproximação. Divulgar melhor o que acontece no esporte local, alinhavando com a importância do futebol brasiliense e sua história, pode ser um pontapé inicial para o sucesso do futebol candango. O futebol do Distrito Federal tem que acompanhar a explosão do crescimento demográfico desordenado da cidade e usar a seu favor, o fato de termos mais de 51% nativos, somados aos 49% de forasteiros residentes no DF, de acordo com a última pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e com possibilidade de despertar a vontade de ter como segundo ou até o primeiro time do coração, equipes do Distrito Federal. É possível atrair um maior número de público aos estádios, conseguir grandes investidores para patrocinar os esportes, valorizar o passe dos

jogadores e quem sabe, ter a oportunidade de ter como parte do elenco das agremiações, jogadores renomados e com forte apelo midiático, abrilhantando as partidas e satisfazendo a maior paixão dos brasileiros, que é assistir a um jogo de futebol.

Seguindo o exemplo que vem do Norte, em 2013, os jornalistas e cronistas Manoel Façanha e Francisco Dandão, escreveram um livro sobre a história do futebol acreano com o título de “Entrevistas e memórias do futebol”. Para os autores, o esporte local precisava de um novo olhar e segundo eles, dar uma abordagem diferente às matérias publicadas no passado e valorizar mais o futebol local era um dos objetivos do projeto. Eles ainda afirmam que o livro é um resgate da história do futebol acreano e de personalidades que marcaram o esporte, reunindo entrevistas e imagens de acervo pessoal, além de homenagear quem atuou ou ainda joga no Acre. Um dos argumentos é que, juntando essas memórias em um mesmo lugar, dar-se-á uma nova dimensão a elas, e fazer com que, quem lutou pelo esporte permaneça por mais tempo no conhecimento de pessoas que amam o futebol e tenha mais visibilidade, além do livro possuir um caráter de sociabilização e histórico, descrevendo algumas fases do futebol que vai desde sua época áurea, entre a década de 70 e 80, até os dias atuais.

O leitor do Caderno de Esportes precisa criar o hábito de ter como principal mote, as notícias do futebol da sua cidade, como é feito em outros estados e cidades como, por exemplo, no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia e Recife. O futebol do Distrito Federal carece de mais divulgação e cabe a nós, jornalistas esportivos, lutarmos pelos espaços, principalmente nos veículos esportivos locais. Dentro deste cenário, vale ressaltar novamente a importância de uma obra literária completa e que possa servir de parâmetro, tanto no aspecto social como no cultural, e como uma caixa de ferramentas de auxílio para pesquisas acadêmicas, fontes para profissionais do ramo e, é claro, para o legado do futebol do Distrito Federal.

CONCLUSÃO

Este trabalho constata que os critérios de noticiabilidade empregados pelo Correio Braziliense não estão ligados à proximidade geográfica com o fato jornalístico. Muitas vezes, ao noticiarmos fatos que não são de nossas proximidades, afastamos imperceptivelmente a nossa identificação com possíveis ídolos do esporte, principalmente o futebol. Deixamos de gerar expectativa nas crianças e adolescentes, esses sim, como principais futuros leitores e espectadores. O Brasil é considerado o país do futebol, e Brasília, por ser a capital do país, necessita de um espaço maior na mídia esportiva local, principalmente no Caderno de Esportes do Correio Braziliense, o jornal mais lido no Distrito Federal.

De acordo com a pesquisa de corpus realizada com o Caderno de Esportes do Correio Braziliense percebe-se ao longo deste trabalho, que a tendência noticiosa é desvalorizar e desqualificar o futebol local, além de priorizar o noticiário para fora das localidades do Distrito Federal, ora dividindo o mesmo espaço, ora ocupando o noticiário mais importante. A opção para levantar o problema foi a vontade deste pesquisador de demonstrar que realmente as reportagens e *lides* do editorial de esportes possui um caráter peculiar, de não influenciar os leitores a torcer por times de futebol da capital federal. Pelo menos no período analisado, o Caderno de Esportes tomou uma postura de total parcialidade, com as notícias esportivas de outros estados, além das notícias sem critérios e de descréditos, desdenhando a tradição e cultura local, conforme a análise nas categorias de notícias. A pesquisa também tem por objetivo responder a uma “impressão” que muitas pessoas têm quando leem o Caderno de Esportes do Correio Braziliense: a de que o jornal produz poucas matérias esportivas da própria cidade. Quanto à primeira hipótese, de que o jornal produz mais matérias para outros estados, à resposta é: pelo menos no período estudado, isso aconteceu. Em relação à segunda hipótese, não podemos afirmar com exatidão, pois no presente trabalho não foi realizado um estudo de recepção para verificar como as pessoas percebem o Caderno de Esportes do Correio Braziliense. Uma análise mais profunda, que consistiria em passar alguns dias na redação para acompanhar a rotina

desses profissionais e em como eles selecionam as notícias, também seria uma boa abordagem para dar mais embasamento teórico ao que foi escrito.

O brasileiro como um todo é apaixonado. Sofre quando seu time de coração não está indo bem e até mesmo, quando o time do seu estado, cidade, ou bairro não alcançam bons resultados. O jornal poderia servir como uma ponte utilizada para tentar desmascarar essa realidade, dando subsídios para que os torcedores e leitores de Brasília e entorno estejam informados sobre todos os fatos e acontecimentos que ocorrem no dia-a-dia esportivo da comunidade, com notícias setoriais de todos os clubes da cidade, de atletas profissionais e amadores de outras modalidades, para que, dessa forma tenham orgulho e lutem por melhorias para clubes de futebol do Distrito Federal e conseqüentemente abrindo um leque para os esportes amadores locais.

Concordo com Nelson Traquina, no livro *Teorias da Comunicação* (2005), onde ele afirma “que a proximidade do objeto de estudo é um dos principais critérios de noticiabilidade”. Uma das justificativas de muitos jornalistas, é que o jornal, televisão ou rádio só retratam o que acontece, seja bom ou ruim. Com isso, eles desprezam o poder que o jornalista tem em decidir o que pode virar notícia. Neste trabalho, verificamos que a teoria do gatekeeping pode influenciar na seleção e produção da notícia. Mas a “desculpa” de retratar a realidade é difundida pela “teoria do espelho”. Os jornalistas não são simples observadores passivos, mas participantes ativos no processo de construção da realidade.

De acordo com Traquina (1999, p.133), as notícias acontecem na conjuntura de acontecimentos e textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia (porque as notícias estão centradas no referente), a notícia também cria o acontecimento (porque é um produto elaborado que não pode deixar de refletir diversos aspectos do próprio processo de produção). Traquina refuta a “teoria do espelho”. O Estudo de Caso do Caderno de Esportes do Correio Braziliense possibilitou traçar um quadro de como o jornal mencionado retrata o esporte no Distrito Federal, não só o Plano Piloto, mas as outras regiões administrativas da cidade e o Entorno, onde praticamente não se vê matérias, notícias e ou reportagens. Procurou-se oferecer uma leitura científica de como o Caderno de Esportes do Correio Braziliense mostra o esporte do Distrito Federal. A

pesquisa comprovou que o jornal local não realiza um número equânime de matérias que possam alavancar o futebol local.

Das 19 matérias produzidas pelo Caderno de esportes do Correio Braziliense, no período analisado, todas foram categorizadas, o que permitiu observar que nenhuma matéria teve uma alcunha positiva, no que se refere ao futebol do Distrito Federal. Ou seja, no período pesquisado, repito 100% das matérias, reportagens e *lides* do Caderno de Esportes do Correio Braziliense foram enviesados pela falta ou a má divulgação do principal esporte da cidade. Uma das metas deste trabalho foi de contribuir para que o estudo do jornalismo esportivo local, pouco realizado no Brasil, avance não só no Distrito Federal, mas que alcance o Brasil como um todo, afinal, Brasília é a capital do futebol.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. B. e GUTIERREZ, G. L. Subsídios teóricos do conceito cultura para entender o lazer e suas políticas públicas. **Conexões**: Revista Digital, - Campinas, v.2, n.1, 2004.

ALMEIDA, M. A. B. GUTIERREZ, G. L. A Nova Dimensão Esportiva: Uma leitura do esporte e do lazer. **EFDeportes**: Revista Digital, Buenos Aires, n.116, jan 2008. Disponível em: [HTTP://www.efdeportes.com/efd116/uma-leitura-do-esporte-e-do-lazer.htm](http://www.efdeportes.com/efd116/uma-leitura-do-esporte-e-do-lazer.htm). Acesso em 02 abr.2014.

ASSOUN, Paul. **A Escola de Frankfurt**. São Paulo: Ática, 1991.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BARROSO, A, L, R. DARIDO, S, C. Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. São Paulo: **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, São Paulo, v.1, n.4, p.101-114, dez.2006.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BOAS, Sérgio Vilas (Org.). **Formação & informação esportiva**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Sumus, 2005.

BRACHT, V. Esporte-estado-sociedade. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Campinas, v.10, n.2, p.69-73, jan.1989.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Vitória: UFES, 1997.

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Educação Física, Terceiro e quarto ciclo, Brasília: Mec/SEF, 1998.

CANDEIAS, J. Os pés e a Cabeça. Edição do autor, 2002. Disponível em: <Lampadamagica.blogspot.com/ficcao.online.pt>. Acesso em: 04 mar. 2014.

COELHO, Paulo. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2004.

DARIDO, S, C. RANGEL, I, C, A. **Educação física na escola** – Implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

GEBARA, A. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, M; LUCENA, R. (orgs.) **Esporte**: história e sociedade. Campinas, Autores Associados. 2002. p.5-27.

GOMES, Karina. Velha Guarda do Futebol Candango, **Jornal Caderno de Brasília**, Acessado em 27/07 a 2/08/2008.

GOZZI, M, C, T. RUETE, H, M. Identificando estilos de ensino em aulas de educação física em segmentos não escolares. **Revista Mackenzie de educação física e esporte**, ano 5, n.1, 2006.

GUTTMANN, A. **Games and empires: modern sports and cultural imperialism**. New York: Columbia University Press, 1994.

HAYDT, R. C. C. **Curso de didática geral**. São Paulo: Ática, 1997.

KOLYNIAK FILHO, C. O esporte como objeto da educação física ou da ciência da motricidade humana. **Discorpo**, v.7, p. 31-47, 1997.

KUNZ, L. As dimensões inumanas do esporte. **Revista movimento**. n.1, V. 01, 1994.

MAIA, M, M, O. **Esportes coletivos: A iniciação desportiva de escolares da cidade de Paul dos Ferros/RN**. 2008. 48f. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) – Faculdade de Educação Física, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Pau dos Ferros/RN, 2008.

MARIANE, Gustavo. **A História do Esporte em Brasília: Brasília**, UNB, 1981.

MARQUES, A. **Desporto e futuro. O futuro do desporto**. In: Garganta J **Horizontes e órbitas nos treinos dos jogos esportivos**. Porto: Universidade do Porto, 2000. p.7-20.

MARQUES, R. F. R. Integração e bem-estar dos funcionários na empresa. O esporte como caminho. In: GONÇALVES, A.; GUTIERREZ, G.; VILARTA, R. (orgs.) **Gestão de qualidade de vida na empresa**. Campinas: Ipes editorial, 2005. p.33-46.

MEDINA, Cremilda. **Notícia um produto a venda**. São Paulo: Summus, 1988.

NASCIMENTO, Patrícia. **Jornalismo em Revistas no Brasil, um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete**. São Paulo: Annalume, 2002.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PILATTI, L. A. Guttmann e o tipo ideal do esporte moderno. In: PRONI, M.; LUCENA, R. F. (Org). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002. p.63-76.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo: Histórias da Imprensa Esportiva no Brasil**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RÜDIJER, Francisco. **Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade**: Adorno e a Escola de Frankfurt. Porto Alegre: Pucrs, 1999.

SANTOS, et al. As diferenças entre os esportes da escola e o esporte na escola. **Revista Treinamento Desportivo**, v.7, n.1, p. 21-18, 2006.

SILVA, M. **O Mundo dos fatos e a estrutura da linguagem**: A notícia jornalística na perspectiva de Wittgenstein. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

SOUSA, Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. São Paulo: Argos, 2002.

TENROLLER, C.A. MERINO, E. **Métodos e planos para o ensino dos esportes**. Canoas: Ulbra, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: A Tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TUBINO; M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 2: ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VOSER, R.C. NETO, F. X. V. VARGAS. L. A. M. **A criança submetida precocemente no esporte**: benefícios e malefícios. Futsal Brasil, 2007.

ANEXO A – MATÉRIAS PUBLICADAS NO CORREIO BRAZILIENSE